

O QUE NÃO FICOU POR DIZER...

Ruy Duarte de Carvalho

In Memoriam





O QUE NÃO FICOU POR DIZER...

Uma autobiografia, uma entrevista,
três ensaios e uma palestra

Ruy Duarte de Carvalho

In Memoriam



Associação Cultural e Recreativa
CHÁ DE CAXINDE

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO:

Nuno Vidal

PUBLICAÇÃO:

Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde

Luanda e Lisboa, Janeiro de 2011

PROJECTO GRÁFICO, PAGINAÇÃO E CAPA:

Elsa Pereira

FOTOS:

Nuno Ferreira Santos (Capa);

Rute Magalhães (Contra capa, autobiografia, capítulos I, II, III, IV, e V);

Luhuna de Carvalho (Capítulo VI);

Ruy Duarte de Carvalho (Nota biográfica)

© Associação Cultural Chá de Caxinde

Depósito legal: 321238/10

ISBN: 978-989-96447-1-7

ÍNDICE

Agradecimentos	VII
Notas de abertura	
Jacques Arlindo dos Santos	XI
Justino Pinto de Andrade	XIII
Nuno Vidal	XV
Introdução	3
Nuno Vidal	
I - UMA ESPÉCIE DE HABILIDADE AUTOBIOGRÁFICA	11
Ruy Duarte de Carvalho, <i>Luanda, 2005</i>	
II – ENTREVISTA A RUY DUARTE DE CARVALHO	19
A construção da nação e a consciência nacional	
Processos políticos e exercício do poder	
<i>Luanda, 12 e 15 de Junho de 1998</i>	
III - FIGURAS, FIGURÕES & FIGURANTES NA CENA DEMOCRÁTICA ANGOLANA – PAPÉIS, MARCAÇÕES E DESEMPENHOS...	43
Ruy Duarte de Carvalho, <i>Luanda, Agosto de 2004</i>	
IV – TEMPO DE OUVIR O ‘OUTRO’ ENQUANTO O “OUTRO” EXISTE, ANTES QUE HAJA SÓ O OUTRO... OU PRÉ - MANIFESTO NEO-ANIMISTA	59
Ruy Duarte de Carvalho, <i>Lisboa, 2008</i>	
V - DA ANGOLA DIVERSA	75
Ruy Duarte de Carvalho, <i>Swakopmund, 2009</i>	
VI – A ARTE COMO FORMA DE INTERVENÇÃO SOCIAL CONTEMPORÂNEA	105
Ruy Duarte de Carvalho, <i>Luanda, 9 de Março de 2010</i>	
Nota biográfica, bibliografia e filmografia de Ruy Duarte de Carvalho	119
Marta Lança	



AGRADECIMENTOS

Sob a égide da Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde, este livro é o resultado da congregação de esforços e vontades de amigos do Ruy Duarte de Carvalho e sobretudo de admiradores da sua obra, que desta forma quiseram homenagear o seu percurso enquanto intelectual e escritor.

Para além das colaborações individuais identificadas ao longo do texto e das fotografias gentilmente cedidas por Nuno Ferreira Santos, Rute Magalhães e Luhuna de Carvalho, esta obra não teria sido possível sem o apoio de várias instituições.

Agradecemos ao *Projecto de pesquisa-acção sobre democracia e desenvolvimento em Angola e na África Austral*, da Universidade Católica de Angola e do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra coordenado por Justino Pinto de Andrade e Nuno Vidal, pela cedência dos direitos de publicação dos textos *Figuras, figurões & figurantes na cena democrática angolana – papéis, marcações e desempenhos...*, e *A arte como forma de intervenção social contemporânea*, resultante da última palestra de Ruy Duarte de Carvalho em Março de 2010, na Chá de Caxinde, em Luanda.

De igual modo agradecemos à Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto e ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra nas pessoas de José Octávio Serra Van-Dúnem e Boaventura de Sousa Santos, pela cedência dos direitos de publicação daquele que terá sido provavelmente o último ensaio de Ruy Duarte de Carvalho, *Da Angola Diversa*.

A nossa gratidão vai também para a Fundação Calouste Gulbenkian pela cedência dos direitos de publicação do texto *Tempo de ouvir o outro enquanto o “outro” existe, antes que haja só o outro...ou pré-manifesto neo-animista* e ao Jornal de Letras pela cedência dos direitos de publicação de *Uma espécie de habilidade autobiográfica*.

Gostaríamos ainda de expressar os nossos agradecimentos ao sócio benemérito da Associação Chá de Caxinde, Dr. Carlos Machado Vaz, pelo apoio prestado por via da sua empresa à publicação desta obra e à realização de todo o programa de homenagem ao Ruy Duarte de Carvalho em Luanda, incluindo a exposição inaugural de aguarelas pintadas pelo Ruy nos seus últimos tempos e um ciclo de cinema com alguns dos seus filmes e documentários.

JACQUES Arlindo dos Santos,
Associação Chá de Caxinde

NOTAS DE ABERTURA

Jacques Arlindo dos Santos

Justino Pinto de Andrade

&

Nuno Vidal





JACQUES Arlindo dos Santos

Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde

Gostaria de ver-me ao espelho naquele momento em que o Escórcio me chamou e disse sem hesitações: O Ruy morreu!

Veria certamente o rosto de um tipo estranho, envelhecido naquela hora, coberto de rugas medonhas, horrendas, nascidas inesperadamente, que deixavam brotar entre elas lágrimas em cascata, grossas com as das chuvas loucas do Libolo.

Ainda bem que não me pude ver. Evitei assim, ter de perguntar ao tipo do espelho das razões porque mantenho este estúpido pensamento que me convence ser a vida dos que estimo, das pessoas de quem gosto, uma vida sem fim, uma vida para sempre.

Finto bem os pés no chão. Faço-os descer do alto dos meus devaneios e tento amparar com a força que o meu peito ainda tem, a fúria dessa torrente de lágrimas que me sufoca e aceito finalmente a realidade. Já não iremos nunca concretizar a tua antiga proposta de prepararmos em Calulo um viveiro de café, onde cada um de nós, mas não apenas nós dois, plantaria um cafeeiro.

Isto não vai ser possível pela simples razão de que agora sei que a vida também acaba para os nossos amigos.

Que fazer? Resta-me apenas agradecer aos deuses por te haver conhecido e me teres dado a honra de chamar-te amigo. Até sempre Ruy Duarte!

13 de Agosto de 2010.



Justino Pinto de Andrade

Faculdade de Economia da Universidade Católica de Angola

Li algures, há muitos anos, a seguinte frase: “Todos os grandes homens já morreram”. Creio que foi a propósito da morte do jurista francês Jean Bodin, tido por muitos como o “Pai da Ciência Política”, pela sua teorização sobre a soberania. Também de muito cedo fui sabendo que não são poucos os grandes homens que morrem no exílio.

O grande poeta, contista e ficcionista português, Mário de Sá-Carneiro, morreu em Paris, no bairro de Montmartre, no primeiro quarto do século XX, vítima de suicídio prematuro. A alma de Mário Pinto de Andrade, político e intelectual angolano, emigrou para o etéreo a partir de Londres, sem ter antes podido regressar ao seu (nosso) país. O franco-argelino Albert Camus deixou a sua alma a vaguear sobre Paris, onde morreu de acidente. Longe, portanto, da Argélia onde nascera e que amava.

O Ruy Duarte de Carvalho, poeta, antropólogo, cineasta, artista plástico, angolano por adopção, nascido em Portugal, morreu na Namíbia, em Swakopmund, numa espécie de exílio voluntário. Foi encontrado sem vida, em sua casa, no dia 12 de Agosto deste ano. Soube da sua morte, por mensagem do Gégé Belo, e logo pensei: “É mesmo verdade, os grandes homens já morreram, e muitos deles morrem no exílio...”

Sentia-se que o Ruy Duarte de Carvalho vivia um exílio interior, e queria terminar os seus dias em paz, sem torturas psicológicas. Estava em fuga da agressividade e da turbulência da vida de Luanda, onde até se torturam os

anhos... Ao ir para a Namíbia, em Swakopmund, o Ruy Duarte reconquistava, assim, o espaço de liberdade que lhe daria condições para reflectir e produzir intelectualmente. Fugia do bulício, como o fez José Saramago, em Lanzarote, nas Canárias.

Quando Mário de Andrade morreu, o Cardeal Dom Alexandre do Nascimento disse que o Mário lhe havia confessado que gostaria de terminar os seus dias enclausurado num Convento. Desse modo, retomaria a paz de que precisava. Iria ter tempo para reflectir, serenamente, sobre tudo quanto fizera na vida... O Mário, vítima de um exílio político, precisava, afinal, de um novo exílio – desta vez, de um exílio interior. Com ele, ganharia para si os últimos anos da sua vida, já que os anteriores 60 anos tinham sido praticamente utilizados apenas a pensar nos outros...

O Ruy Duarte de Carvalho, meu amigo, exilou-se em Swakopmund, para continuar a ser feliz, como ele precisava. Pretendeu partilhar os últimos dias da sua vida consigo próprio. Como, afinal, merecem os grandes homens. Teve, sim, razão, quem disse: “Todos os grandes homens já morreram”.

22 de Novembro de 2010

Nuno Vidal

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

A genialidade do Ruy está, em meu entender, na sua argúcia e capacidade analítica, na sua sensibilidade artística, na sua rebeldia imanente e obviamente no enorme talento de escritor com que foi dotado. Tratava a palavra com uma delicadeza extrema, numa sinfonia de ideias e letras, totalmente dedicado, apaixonado e absorvido pelas suas criações. Os seus textos são obras de arte da língua portuguesa.

O Ruy era acima de tudo um pensador livre. Era numa só e na mesma pessoa as areias dos desertos do sul com que se fundiu e as chuvas que renovam a vida e os ciclos. Foi a única pessoa que vi trazer gravado nos olhos o horizonte de forma permanente.

...almoçámos longamente pela última vez no Centro de Imprensa na baixa de Luanda num dia de Março de 2010, dois gigantescos pratos de um soberbo Calulu de peixe, regados com duas cervejas a estalar... falou-me da sua análise da política actual, passando pela literatura e por algumas estradas da sua vida pessoal. Nunca o vi sorrir tanto. Disse-me por fim, ...e olha, ... aqui estou eu, ...quase um septuagenário (gargalhada) ...finalmente de bem com a vida, sem o peso e a tensão que carreguei tantos anos..., só tenho pena que a nossa amiga Christine não me tenha visto assim ... estou em paz, estou feliz, vivo entre o deserto e o mar como sempre quis, um pouco mais a sul, mas vou regularmente ao Namibe...

Despedi-me de um homem de sorriso doce e rasgado, de braços abertos capazes de abraçar a todos, em profunda paz com o mundo e consigo mesmo naquele Março de 2010, mas sempre, sempre com os olhos carregados de horizontes vários que talvez só ele sabia onde eram..., ... provavelmente o contínuo que unia os mares do sul aos seus desertos, recortado pelas silhuetas dos seus pastores...

Ruy, muito obrigado pela amizade, o carinho, o tanto de tempo que me concedeste e o empenho em me ajudares a compreender a nossa terra e as suas gentes, ... aquele *kandando* apertado, ... estamos juntos nos horizontes do Sul, em particular no sul que do Lobito e Benguela se perde no Namibe.

15 de Novembro de 2010

INTRODUÇÃO

Nuno Vidal





INTRODUÇÃO

Nesta obra de homenagem que a Associação Cultural Chá de Caxinde faz ao seu associado Ruy Duarte de Carvalho, seleccionámos uma entrevista, três ensaios e uma palestra, para além de uma auto-biografia com que iniciamos a obra. Alguns destes trabalhos são inéditos, sendo o caso da entrevista que nos concedeu em Junho de 1998, nunca antes publicada, ou a sua última palestra pública proferida em Março de 2010 em Luanda, poucos meses antes de nos deixar, que é aqui transcrita e publicada pela primeira vez. Ou ainda aquele que será o seu último ensaio, *Da Angola Diversa*, redigido em 2009, produzido para um projecto do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, até agora desconhecido do grande público. A estas intervenções e trabalhos inéditos juntámos mais dois ensaios que aqui são reeditados, *Figuras, figurões e figurantes na cena democrática angolana...*, redigido em 2004 e *Tempo de ouvir o 'outro' enquanto o "outro" existe, antes que haja só o outro...ou pré - manifesto neo-animista*, elaborado em 2008.

O título escolhido para esta obra refere-se essencialmente aos textos e intervenções inéditas, embora obviamente exista muitíssimo que ficou por dizer. Um intelectual e escritor da dimensão do Ruy Duarte de Carvalho, à medida que o tempo passa, tem sempre e cada vez mais coisas interessantes para dizer, deixou-nos cedo demais. As suas últimas intervenções e trabalhos denotam exactamente o muito que ainda nos tinha para dizer e contar, estando envolvido em vários projectos, como poderemos constatar em alguns textos desta obra.

Compreendendo um período de doze anos, que se estende de 1998 a 2010, os trabalhos aqui publicados, inéditos ou reedições, estão organizados de forma cronológica (exceptuando-se a autobiografia com que iniciamos o livro) revelando a enorme coerência, sequência e desenvolvimento no pensamento de Ruy Duarte de Carvalho, complementando-se em diversos aspectos e discutindo temas que a todos são transversais. Encontramos na entrevista de 1998 todas as grandes temáticas que serão desenvolvidas nos ensaios e mesmo na sua palestra final, como seja a questão das identidades sociais, a nação, os movimentos migratórios históricos e contemporâneos (a que na entrevista chama de “transumâncias” de vária ordem), a necessidade de compreender o sistema político tendo em conta aspectos antropológicos e sociológicos, a transição do período colonial para o pós-colonial na sua relação com a formação das elites e o exercício do poder por parte destas, a construção da democracia ou o tipo de democracia efectivamente existente, a diversidade cultural e os modelos de organização política.

Acima de tudo, encontramos neste conjunto de trabalhos do Ruy Duarte de Carvalho uma faceta nem sempre referida ou assumida pelos analistas da sua obra, que consiste na sua postura enquanto “intelectual activista” de causas que considerava social, económica e politicamente justas e que se resumem, de forma “simples”, a contribuir para pensar soluções que tragam uma vida melhor para todos os angolanos, africanos e humanidade em geral

Eu sou absolutamente advogado e militante – se ainda me preservo algum espírito de militância – em relação ao facto de que todos os conhecimentos devem ocorrer para ver se damos um jeito ao exercício de estar vivo, ao exercício

*de viver em sociedade e ao exercício de, enfim, podermos conduzir a vida das pessoas a situações que não sejam tão catastróficas como aquelas que nós vivemos.*¹

Este traço da obra do Ruy Duarte de Carvalho é em nosso entender um distintivo da maior importância para se compreender a força das suas análises e o sentido, a lógica, a consequência e a convicção com que as desenvolve. Nestes trabalhos, e em tantos outros que produziu, Ruy Duarte de Carvalho demonstra regularmente uma preocupação em analisar, reflectir, compreender e criar, não como um mero exercício académico ou artístico, mas sobretudo para fundamentar a acção,

*.....o que eu proponho é bem simples e ao alcance de interessados e de profissionais susceptíveis de ser congregados à volta de questões desta natureza..... não é ter um caminho a propor..... é antes ter algumas ideias para uma eventual hipótese de poder vir a ajudar a encontrar maneira de achar um caminho.....*².

Foi por reconhecermos e valorizarmos esta faceta do Ruy Duarte de Carvalho, que tanto eu como o Justino Pinto de Andrade desde o início e por diversas vezes o convidámos a participar no projecto que coordenamos há anos entre a Universidade de Coimbra e a Universidade Católica de Angola, um projecto de pesquisa-acção sobre *Democracia e Desenvolvimento em Angola e na África Austral*. Dois dos trabalhos que aqui se apresentam, o primeiro ensaio e a palestra final, resultam desta participação. O ensaio foi

¹ Excerto do texto publicado neste volume, *A Arte como forma de intervenção social contemporânea*.

² Excerto do texto publicado neste volume, *Tempo de ouvir o 'outro' enquanto o "outro" existe, antes que haja só o outro...ou Pré-Manifesto Neo-Animista*.

apresentado em Agosto de 2004 na conferência internacional dedicada ao *Processo de transição para o multipartidarismo em Angola*, publicado em 2006 numa obra com o mesmo título, reeditada em 2007 e 2008, contendo uma análise e uma mensagem de enorme actualidade e importância para um processo de democratização por concretizar em variadíssimos campos,

*(...) se é mesmo para mudar alguma coisa e queremos mesmo sair da situação em que estamos, o que talvez tenhamos de fazer, (...) é: identificar sem ambiguidades nem eufemismos os nossos problemas e os nossos défices efectivos de maneira a podermos estabelecer linhas de acção e programas; considerar como absolutamente prioritário a resolução daquilo que importaria resolver fosse qual fosse o modelo político em presença. Ainda há em Angola gente a sobreviver, ou não, em muito más condições e abundam os terrenos em que a mais desmunida argúcia política reconhecerá alguns dos nossos maiores défices: estado, administração, fome, pobreza, saúde, cultura, educação.*³

Duas grandes ideias de força se vão afirmando e articulando ao longo destes trabalhos e assumem um carácter muito central no pensamento do Ruy Duarte de Carvalho no fim da sua vida, o *convocacionismo* e o *neo-animismo*, expressas na sua última palestra, de Março de 2010,

Advoguei (...) o que eu chamo de “convocacionismo”, que é convocar todas as ordens do conhecimento no tempo e em todas as áreas. Continuo a achar que é um prejuízo enorme não se ter em conta as formas políticas dos poderes africanos pré-coloniais, da política tradicional, para serem

³ Excerto do texto publicado neste volume, *Figuras, figurasões e figurantes na cena democrática angolana*.

*introduzidas nesta configuração que pretendemos democrática. Acho que o conhecimento que as artes transportam deve concorrer com o conhecimento que as investigações concorrem e que as filosofias concorrem, para ver se encontramos soluções, e a isso fui chamando convocacionismo. Ao recurso ao conhecimento africano pré-colonial eu chamo de neo-animismo (...).*⁴

...e igualmente manifestas no seu último ensaio, de 2009, onde reforça estas ideias e termina advogando-as não só para África, mas para o enriquecimento dos modelos de governação e da humanidade em geral,

*.... olha que pode ser um património valioso..... mais valioso até do que a instrumentalização comercial e política, ou político-cultural, ou político-turística, da diferença, da diversidade cultural..... a minha proposta é simples : inventariação, recolha ou recuperação, em todo o mundo, de saberes endógenos, 'indígenas', de 'atrasados', integráveis num futuro diferente e a favor dele.....*⁵

Terminamos referindo que em todos estes textos o leitor irá encontrar as características de sempre do Ruy Duarte de Carvalho, que tanto admiramos e homenageamos, um intelectual preocupado em perceber as forças e dinâmicas de longa duração estruturantes da realidade social, para daí retirar ensinamentos que informem a escrita argumentativa e expositiva e igualmente a acção público-política, um escritor que mistura soberbamente os diversos estilos literários, esbatendo as fronteiras entre eles, um antropólogo de raiz com um sólido e vasto percurso de trabalho de

⁴ Excerto do texto publicado neste volume, *A Arte como forma de intervenção social contemporânea*.

⁵ Excerto do texto publicado neste volume, *Da Angola Diversa*.

campo junto de vários sectores das populações da capital, assim como de populações rurais do planalto central e de pastores e agro-pastores do sudoeste, sem deixar esquecido o seu lado de cineasta na forma como em diversos momentos apreende e transmite uma perspectiva cénica das realidades que analisa,

(...) ninguém negará que na cena angolana e no tempo, nas situações e nos actos em que participamos e a que assistimos, há necessariamente estrelas, figuras principais, secundárias e simples figurantes, e papéis e partes, marcações de cena, movimentações e desempenhos, como no teatro, no cinema e nas novelas da televisão.⁶

Este livro encerra com uma bibliografia e filmografia do Ruy Duarte de Carvalho, organizada pela jornalista Marta Lança e que ainda foi revista pelo próprio Ruy.

Nuno Vidal

20 de Novembro de 2010

⁶ Excerto do texto publicado neste volume, *Figuras, figuras e figurantes na cena democrática angolana*.

I

UMA ESPÉCIE
DE HABILIDADE
AUTOBIOGRÁFICA

Ruy Duarte de Carvalho





UMA ESPÉCIE DE HABILIDADE AUTOBIOGRÁFICA¹

Ruy Duarte de Carvalho

Luanda, 2005

Se a habilidade autobiográfica que me é pedida visa situar aquilo que tenho escrito no espaço ultramarino português de ontem e lusófono de hoje, então o que me está a ser sugerido, de facto, é que entre no jogo e aceite essa colocação como eixo do que possa vir a ter para dizer.

Assim:

Em meados dos anos 50 do século passado desembarquei em Lisboa com uma bicicleta e uma caixa de tintas a óleo na bagagem. Eram preciosas prendas de que tinha conseguido não me separar, uma de aniversário e outra por ter feito o 2.º ano do liceu, quando por decisão familiar fui remetido de Moçâmedes para fazer em Portugal, Santarém, num prazo de cinco anos, o curso de regente agrícola. Mas nem da bicicleta nem das tintas a óleo nunca mais voltei a fazer uso. Passei esses cinco anos na condição de aluno interno, a residir no próprio estabelecimento escolar, e tanto as tintas a óleo, que eram o reconhecimento dos meus mais evidentes talentos congénitos, como a bicicleta, que era uma adjectivação de gloriosas adolescências coloniais, foram sacrificadas à disciplina e ao programa da minha estadia em Portugal.

¹ Publicado pela primeira vez em *Jornal de Letras*, n.º 928, 2005, que gentilmente cedeu aqui os direitos de publicação.

Não estou, porém, é claro, a contar a estória pelo princípio. Quando de facto fui embarcado em Moçâmedes, eu estava também a ser remetido ao exacto local do meu nascimento biológico e de onde, mais cedo portanto, tinha vindo com a família, que entretanto emigrava, parar a Moçâmedes. O que me calhou assim na vida, de qualquer maneira, foi estar de volta a Angola com um curso médio já feito quando a maioria dos sujeitos angolanos da minha classe etária com recursos para estudar estava a ser, por sua vez, expedida para faculdades em Portugal e a ver-se colocada nos terrenos de uma placa giratória, dados os tempos que então corriam, capaz de os envolver em oportunas dinâmicas de esclarecimento ideológico, aprendizagem política, encaminhamento militante e eufóricas, redentoras e patrióticas opções juvenis de rumo para a vida.

Pelo menos duas consequências maiores para o meu percurso biográfico terão resultado desta configuração das coisas: a primeira é que o lugar onde vim ao mundo sempre constituiu para mim, desde que me lembro a ruminar nas coisas, uma referência de exílio; a segunda é que tudo quanto pela vida fora se me foi revelando e determinando lugar no mundo, sempre acabou por ocorrer de maneira imediata, vivida, empírica, *in vivo*, a exigir, às vezes, e sem ser pela mão fosse do que ou de quem quer que fosse, opções e acções de vida ou de morte no pleno desenrolar dos acontecimentos.

Elaborações e ruminações, teoria ajudando, foi quase sempre só depois. Não me lembro de ter vindo ao mundo, evidentemente, mas em compensação lembro-me muito bem de ter mudado inteiramente, tanto de alma como de pele, uma meia dúzia de vezes ao longo da vida. De que havia

uma matriz geográfica e de enquadramento existencial que essa é que era a minha, dei conta aí pelos 12 anos a comer pão e com um ataque de soluços no meio do deserto de Moçâmedes, por alturas do Pico do Azevedo. Isso continua a vir-me sempre à ideia de cada vez que ainda por lá passo e se calhar é para isso mesmo que ando sempre a ver se passo por lá.

E de que havia uma razão de Angola que colidia com a razão colonial portuguesa, disso dei definitivamente conta em condições muito brutais, com 19 anos e já a trabalhar como técnico responsável nas matas do Uíge, quando, em Março de 1961, eclodiu ali a sublevação nacionalista do norte.

Sobrevivi à justa e a tempo de me refazer de tanta perplexidade e do quadro de horror geral em que me tinha visto envolvido, fruto quer da feroz insurgência quer da perversa e ainda mais feroz repressão à insurgência, quando a seguir, numa noite em Luanda, a atravessar as ruas da Baixa, houve quem me desse a saber, pela via de uns versos, de uma alma de Angola que vinha pronta sob medida para eu ajustar à razão de Angola que o pesadelo do Norte tinha acabado de me dar a entender. E a partir daí passei a invocar esse novo nascimento para ver se conseguia forjar algum sentido para a condição de órfão do império a que a vida, apercebi-me logo, me iria destinar.

O máximo que então consegui, para actuar do lado em que passei desde então e até hoje a situar-me, foi que alguns mais-velhos da luta clandestina, durante uns tempos em que habitei Luanda, me atribuísem mínimas tarefas menores, como dactilografar, para distribuição nos muceques, poemas de revolta de autoria anónima e de esclarecedora má qualidade, também.

Mas depois foi uma data de gente presa e quando o instituto do café me colocou, a seguir, primeiro na Gabela e mais tarde em Calulo, perdi e nunca mais consegui restabelecer ligações políticas efectivas com a insurgência nacionalista. O máximo, outra vez, que consegui então, foi ser dado como *persona non grata* pela administração do Libolo e afastado dali junto com um padre basco e um médico português. Pouco para currículo político. Arranjei então outro emprego e mudei para a Catumbela, para dirigir a pecuária de uma grande empresa açucareira.

E foi nessa condição que levei tal volta passados três anos de mim para mim e afundado a criar ovelhas no interior do imenso platô de Benguela, levei então tamanha volta que andei os três anos seguintes a derivar pelo mundo. Estive em Hamburgo, em Copenhaga e em Bruxelas sempre a ver se encontrava traços da insurgência nacionalista, mas quando finalmente consegui chegar a Argel para colocar-me à disposição da luta, ninguém ali me levou a sério, ou então desconfiaram, ou então voluntaristas como eu já lá tinham que chegasse e até nem sabiam o que é que lhes haviam de fazer. Foi depois de ver-me assim perante a evidência de que por ali também não ia dar, e de ter levado as coisas até onde podia, que acabei por encontrar-me um dia, no turbilhão da voragem de tanta viagem, a exercer funções de chefe de fabricação de cerveja em Lourenço Marques Maputo, e estive a seguir em Londres, com um dinheiro que pedi emprestado, a fazer um curso de realização de cinema e de televisão.

Na sequência dessa volta toda é que acabei por passar a noite de 10 para 11 de Novembro de 1975 no município do Prenda, às zero horas, que foi uma hora zero, a filmar

a bandeira portuguesa a ser arreada e a de Angola a subir ao mesmo tempo. Já nessa altura, quando foi da independência, tinha o primeiro livro de poesia publicado.

Depois, de 75 até 81, fiz filmes para a televisão angolana e para o Instituto Angolano de Cinema, e andei durante uns tempos muito entretido a filmar por Angola toda e a pensar que seria bem acolhida essa minha peregrina intenção de dar Angola a conhecer aos próprios angolanos, meus compatriotas.

Quando vi que afinal não dava mesmo para continuar a querer fazer cinema, nem aquele que eu queria nem aliás qualquer outro, escrevi um texto académico para juntar a um dos filmes que tinha feito no Sul e obtive com isso o diploma da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, de Paris, que me deu imediato acesso à condição de doutorando.

Foi então o tempo da Samba e dos Axiluanda, de um fora de Luanda dentro de Luanda, e das teses. A partir de 87 passei a dar umas discretas e mal pagas aulas de Antropologia Social em Luanda e fui aproveitando sabáticas para aceitar convites e ir dar aulas também e consumir bibliotecas em Paris, Bordéus, São Paulo e Coimbra. E a partir de 92 arranjei maneira de ir estar, todos os anos, cinco meses com os pastores do Namibe. Decidi então passar a disponibilizar essa informação sem ter de escrever naquele tom da escrita académica ou de relatório, porque disso já tinha tido a minha dose. E foi assim que adoptei a maneira do *Vou lá visitar pastores* que depois me pôs na pista de uma meia-ficção em que venho insistindo nos últimos anos. E fui também deixando cada vez mais de escrever poemas tal e qual.

Hoje continuo a não conseguir andar muito tempo por fora sem devolver-me ao murmúrio de Luanda à noite que sobe das traseiras da minha casa na Maianga, e sem continuar a dar de vez em quando um salto ao Sul, para visitar pastores. E julgo, chegado a esta altura da vida, não poder deixar de ter que entender que o mundo, por toda a parte e não só aqui, se urde e se produz recorrendo sempre, ou quase sempre, ao uso e ao abuso da boa-fé dos outros. Temo não conseguir nunca chegar, mesmo velhinho, a conformar-me com isso e a tornar-me no sujeito bem acabado, dissimulado, pirata, adaptável e finalmente adaptado que nunca, durante toda a vida, consegui ser.

Mas acho que também aprendi, entretanto, a rir-me de mim mesmo, das minhas incompetências congénitas e do mau-feitio que neste mundo sou evidentemente o único a ter. E tem uns intervalos em que tudo parece ficar virginalmente vivável, bom e bonito, conforme pensa a onça quando, segundo Guimarães Rosa, não teme nada e vai, guiada só pela alma que tem.

II

ENTREVISTA A RUY DUARTE DE CARVALHO





ENTREVISTA A RUY DUARTE DE CARVALHO

A construção da nação e a consciência nacional

Processos políticos e exercício do poder

Luanda, 12 e 15 de Junho de 1998¹

Nota introdutória do editor e entrevistador:

Não obstante o facto de muitas das opiniões e argumentos aqui apresentados serem de extrema actualidade e de se referirem a dinâmicas históricas de longa duração, várias passagens da entrevista só podem ser entendidas no contexto político do momento em que se realizou, 1998, tendo igualmente em conta que a condução da entrevista foi no sentido de explorar as análises do entrevistado em função das preocupações e interesses do próprio entrevistador, buscando áreas eminentemente sócio-políticas².

1 - A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO E A CONSCIÊNCIA NACIONAL

Nuno Vidal (NV): Como achas que está a consciência de Nação em Angola?

Ruy Duarte de Carvalho (RDdC): A consciência de Nação existe, forjou-se, sedimentou-se pela negativa, em grande parte pela guerra, não é nada de exaltante, antes pelo contrário, todos nós sofremos a condição de ser angolanos, mas é assim que é entendido.

¹ Este texto resulta de uma entrevista concedida por Ruy Duarte de Carvalho a Nuno Vidal em Luanda a 12 e 15 de Julho de 1998. A entrevista dividiu-se pelos dois dias e foi gravada em cassette áudio; a transcrição e edição são da responsabilidade de Nuno Vidal que detém os direitos de publicação sobre este texto cedendo-os para publicação nesta obra.

² Para uma contextualização deste período ver, por exemplo, Nuno Vidal "Multipartidarismo em Angola" in Nuno Vidal & Justino Pinto de Andrade (eds.), *O processo de transição para o multipartidarismo em Angola* (Luanda e Lisboa: Firmamento, 2006), pp. 11-57.

NV: Os militares gostam de enfatizar o papel das FAPLA enquanto instituição que em grande medida serviu para reforçar uma consciência nacional porque integrava indivíduos de vários pontos do país, concordas?

RDdC: Numa Angola que passa a existir como país, mas não como nação, tudo o que articule os cidadãos nas mesmas instituições tem importância para reforçar a consciência nacional, como tem a língua portuguesa, também têm as redes e os circuitos informais, que articulam Zairenses com outros, à partida é isso que constitui uma consciência nacional. Passamos a perceber que estamos implicados numa mesma substância nacional quando nos sentimos implicados nas mesmas instituições, quer sejam formais ou informais. O exército sempre jogou um papel importante, inclusivamente já no tempo colonial, em que o exército congregava pessoas de todos os cantos da então colónia, ensinando os recrutas a ler etc. e que depois viria também a jogar um papel importante na tomada de uma consciência nacionalista. Julgo que isso está necessariamente implícito num organismo, uma instituição, com uma vocação que se estende a todo o território.

Mas mais do que o exército, insisto que a própria guerra terá sido um processo central, um processo em que estamos todos implicados, as questões de fronteira e dos refugiados. Mesmo quando a vida de uns foi determinada por incidências de uma parte e a de outros por incidências de outra parte, estão todos dentro do mesmo processo. Há dois ou três anos eu estive no Huambo a trabalhar com a FAO e fomos a zonas da UNITA, encontrámos populações angolanas que desde o fim do tempo colonial só se tinham apercebido de incidências da UNITA, mas a conversar com eles, nós todos

sentíamos que estávamos implicados no mesmo processo e que isso é que fazia de nós angolanos, independentemente de toda a gente saber que eu vinha do outro lado.

Julgo que a questão das nacionalidades em África ainda há de mexer muito e algumas dessas alterações nós estamos a ver, dentro e fora de Angola. Mas ao mesmo tempo, haja o que houver, todos estes processos, sejam de guerra, prosperidade, progresso ou outros, todos eles se exercem a partir do factor tempo, o factor tempo joga. Nós arranjàmos maneira de domesticar tudo, o espaço – eu trabalho sobre a domesticação do espaço aqui na faculdade de arquitectura –, mas a domesticação do tempo é mais difícil, o tempo segue inelutável o seu percurso. Mesmo que seja uma experiência desastrosa, destas em que nós nos aferimos como compatriotas pela negativa, porque se abateu sobre nós a mesma desgraça, o tempo deixa a sua marca.

NV: Em que medida é que essa identidade nacional se relaciona na cabeça e na prática das pessoas com identidades étnicas, regionais etc.?

RDdC: A identidade nacional está em curso. As identidades étnicas e regionais exercem-se, porque Angola conheceu um processo de encapsulização geral. Todas as sociedades, mais ou menos rurais e mesmo algumas urbanas, para sobreviver tiveram que contar com os seus próprios recursos, não chegava lá nada, nem abastecimento exterior nem vias de escoamento do que lá se produzia. Tiveram que se organizar a partir dos seus próprios recursos. Dado que estas sociedades não são completamente auto-suficientes, como é o caso dos pastores, que nunca produzem cereais em abundância, articularam-se com populações vizinhas para troca de gado por cereais. Portanto, em certa medida reconstituem-se

circuitos de compensação, que nalguns casos até poderão corresponder a configurações pré-coloniais. É aí que as identidades étnicas voltam a jogar o seu papel, têm de jogar o seu papel. Portanto, eu julgo que há um processo de reafirmação das identidades étnicas sempre que isso constitui um argumento, um instrumento de sobrevivência.

NV: Queres então dizer que as dinâmicas sub-nacionais articulam-se e coexistem com a dinâmica nacional?

RDdC: Sim, e não se anulam uma à outra. O facto de haver processos de afirmação étnica e até de reconstituição étnica que estão em curso, incluindo processos de elaboração de identidades étnicas que não existiam antes e que estão em curso, não significa que isso ponha em causa ou que se confronte com uma condição de identidade nacional, não colidem, articulam-se, complementam-se. É evidente que se houvesse um sistema nacional a funcionar, em termos de comércio, de economia, de instituições, etc, os eventuais processos de afirmação étnica perderiam terreno, neste caso ganharam terreno.

Não é uma encapsulização que comporte apenas um grupo, porque esse grupo para sobreviver tem de se articular a outros, o que se criam é articulações regionais, e isso é interessante do ponto de vista sociológico, porque há populações que a par do modelo globalizante Ocidental que vai contra tudo em termos de longa duração, estão em curso em Angola processos de assimilação de uns grupos aos modelos de outros grupos e mesmo modelos pré-coloniais. Eu estudei nos meus pastores – todos os antropólogos falam assim, é um vício –, processos de assimilação de populações Cuissi ao modelo Cuvale, ao mesmo tempo que o modelo Cuvale sofre perturbações por influência

do modelo Ocidental. Não é unívoco, há processos de assimilação a modelos exógenos parcelares.

É claro que isto acaba por interessar só mesmo aos antropólogos, porque os outros estão-se nas tintas e ninguém está muito preocupado, o que leva a que se façam muitos disparates e nem é sequer da parte do governo, que sequer actua, é da parte das ONGs, que estão cada vez mais a ser postas em causa. Houve aqui um período de plena euforia das ONGs que era confrangedor, porque apesar de vermos os erros que estavam a ser cometidos também não podíamos dizer “parem”, porque senão as populações ficavam sem comer. Isto é que são as situações angustiantes nacionais, que também ninguém fala nelas porque senão ainda vamos complicar mais e isto já está complicado que chegue.

NV: Mas consideras que mesmo nos locais mais remotos e sem grandes meios de comunicação as populações têm uma noção forte de que são Angolanas? Mesmo aquelas populações que não comungam da língua portuguesa?

RDdC: Sim, posso-te garantir que têm, a língua comum não é condição suficiente para aferir essa consciência. Eu costumo contar uma história de um amigo que já morreu que era das FAPLA e que passados 10 anos da independência foi para o Kwando-Kubango com o seu pelotão. Ao chegarem a certa aldeia foram recebidos pelas populações como se fossem tropa portuguesa, não sabiam de todo que a situação tinha mudado e ele para provar que as coisas tinham mudado teve que mostrar notas de dinheiro com o rosto impresso do Agostinho Neto e disse-lhes “como vêm este dinheiro não é o dinheiro antigo, antes tinha um branco e agora tem um negro”. No entanto, isto não impe-

de que eles não tivessem consciência de pertencer a uma administração, que é dinamizada a partir de Luanda. É por essa via que podemos aferir se as pessoas têm a noção de pertencer a uma totalidade de Angola ou não. É como se referem ao ponto de onde emana o poder.

Para os pastores com que eu trabalho, a noção apreensível de espaço vai até Benguela, daí para a frente é o mundo, é o mundo que vem ter a Luanda onde manda o Mwene Puto, o senhor de Portugal. Apesar de essa expressão ter perdido esse sentido, essa carga semântica, ainda hoje o governo de Luanda é o Mwene Puto, ainda hoje se lhe referem como o Mwene Puto. Também na Namíbia, quando as pessoas Hereros estão a falar de Angola, é o Puto, é de onde vem o poder do Mwene Puto. Portanto, nem sempre o facto de não falar português implica essa falta de consciência. Se perguntares de onde é que está a vir o Estado que está a mandar, está a vir de onde? Ele vai-te dizer, ou que está a sair de Windhoek ou de Luanda. Quando ele te disser que está a sair de Luanda a substância Angola está presente, e é mais ou menos assim que não comporta nenhuma carga nacionalista.

O problema do nacionalismo não é assim muito burguês, não tenhas dúvida nenhuma. A este respeito sempre cito o Amílcar Cabral, que de todos os teóricos, de todos os ideólogos, é o único que subsiste, e que a respeito das identidades nacionais e outras dizia que quem se preocupa com as identidades é quem quer apreendê-las, quem as vive não se preocupa com elas, quem as vive é! Isto é fundamental. Quando vim da Namíbia para aquela conferência sobre a Angolanidade na Assembleia Nacional onde tu estavas

presente, lembras-te que o ... ³ disse “Ah, afinal é o Ruy Duarte de Carvalho, a quem tanta gente contesta a condição de Angolanidade, que nos vem explicar o que é ser Angolano?” e eu respondi-lhe “querido amigo, quem se preocupa com a minha condição de Angolano é porque não está muito seguro da sua própria condição de Angolano”, portanto isso é-me completamente indiferente.

Um Cuvale ou um Cuissi, não está nada interessado em provar se ele é Angolano ou não, a percepção que ele tem da condição de angolano é a de saber quem é que manda nele; se ele pagasse imposto pagava aonde? Do que eu vejo por aí fora, começando por aqui pelo Mussulo onde eu fiz a minha tese, a realidade não tem este peso do ser angolano ou não ser angolano, ele está integrado numa sociedade onde está ou não está inserido e em que ele funciona ou não funciona.

NV: Mas ele em relação aos grupos vizinhos como é que se identifica?

RDdC: Aí não lhe serve de nada dizer que é Angolano ou não é angolano. Ele é Kwanhama, o outro é Cuvale o outro é Mumuíla, etc. e jogam com isso...e, como é evidente, todos se sentem orgulhosos dessa identidade, como poderia ser se não fosse assim?

Aí ele não tem necessidade de afirmar ou infirmar a sua condição de Angolano. Quando muito terá em relação ao outro lado da fronteira, mas aí entram outros factores. Há vários jogadores angolanos a jogar na selecção de futebol da Namíbia, eles são Kwanhamas, são de um lado ou de

³ Nota do Editor: por se referir a alguém que já faleceu e cuja identidade também não é essencial para compreender o argumento do entrevistado, o entrevistador e editor optou por omitir aqui o nome da pessoa em causa.

outro, jogam pela selecção que os agarrar primeiro. Tal como é o caso de vários Zairenses que estão a jogar nas equipas de futebol em Angola. No fim, por questões pragmáticas, as identidades sempre encontram uns termos de articulação que não passam pelos sentimentos de pertença, passam por sentimentos de querer pertencer a qualquer coisa que possa ser interessante para a vida de cada um. Acho que as coisas são muito mais pragmáticas do que aquilo que nos parecem a nós teóricos, observadores destas realidades.

NV: E a realidade de Cabinda?

RDdC: Não sou especialista em Cabinda, mas na minha opinião pessoal a situação de Cabinda tem de facto algumas diferenças e há-de ser explorada nesse sentido. No entanto, para os próprios Cabindenses, não sei se estão a agir sensatamente, porque podem até conseguir separar-se de Angola, mas o Zaire passa a exercer o domínio. Trocam uma dependência que apesar de tudo aqui é negociável e articulável, por uma dependência que pode não o ser. Às vezes ocorre-me outro caso, o de São Tomé, que é quase tão dependente de Angola como Cabinda. Não somos profetas e eu não vou viver o tempo suficiente para assistir a nada disso, mas não me custa imaginar num futuro, não próximo mas conjecturável, qualquer federação que não inclua só Angola e Cabinda, mas também São Tomé. Poderá existir uma tendência nesse sentido. Hoje ainda pode parecer chocante uma conjectura deste tipo, mas daqui a cinquenta anos será algo que passará por evidências pragmáticas.

A questão que se me coloca é a necessidade de elaborar a categoria de consciência nacional. Quanto a mim continua a corresponder a um trabalho à posteriori. A experiência

no fim é que dita as práticas e aí, num país que está tão carente de instituições, é evidente que o fenómeno há de seguir outras vias que não só aquelas que as instituições formais vão assegurar.

A consciência nacional é uma coisa que se faz, que se desfaz, que se acelera e desacelera, que depende, é uma construção e desconstrução, é algo dinâmico e corresponde ao tempo que se vive. Mesmo na Europa, dos poucos países onde existe alguma coesão é mesmo em Portugal, porque mesmo na Espanha é relativo. Por exemplo, um Basco em determinadas situações poderá sentir-se mais espanhol do que noutras e joga com isso. Os franceses também, ou é mais bretão ou menos bretão conforme outras coisas estão em jogo.

NV: ...mas a questão aqui é de saber se isso constitui um potencial de ruptura, de desagregação?

RDdC: Penso que não, mesmo que a actual configuração não se perpetue e que se acabe por construir outro modelo – porque há uma Angola com vários poderes –, ainda assim a ideia de Angola vai prevalecer. Para um tempo que não será o meu nem o teu, há-de haver inevitavelmente muito conflito em África e daí resultarão novas fronteiras políticas. A actual configuração das fronteiras em África é instável, mas é uma instabilidade que se fundamenta numa legitimidade que a situação colonial instalou e que a OUA aceitou, e mesmo a dinâmica das relações internacionais prefere que seja assim e há-de mantê-la enquanto puder.

NV: Mas, por outro lado, os movimentos migratórios de que falaste terão também servido para reduzir um pouco o sentimento de regionalismo e de pertença a um grupo localizado?

RDdC: Não sei, isso é tão remoto... se eu me lembrar do que vi em 1961 quando começou a sublevação no Quitexe... eu estava lá. Se eu me lembrar do que lá se passou, tenho que reflectir muito maduramente sobre o que é possível conciliar ou não.

Eu não sei em relação a outros países africanos o que será a consciência nacional, por exemplo na Nigéria, países grandes que têm populações que se deslocam com relativa facilidade. Há novas formas migratórias e de transumâncias, falo aqui de transumâncias em sentido lato, não somente as transumâncias que normalmente associamos às sociedades pastoris, mas de exercício económico, que abrangem quase o continente todo. Se viajamos para a África do Sul, Namíbia, etc. encontramos Senhoras do Quénia, da Nigéria, do Zaire, etc. que dão a volta ao continente com o seu comércio. Portanto, tudo isso são formas que ainda não estão incluídas nas equações que nós fazemos.

Para Angola, aquilo que talvez seja diferente a este nível é que emergiu mais tarde esta necessidade de uma afirmação negra e há uma burguesia nacional negra que continua a valorizar muito os valores culturais europeus e a persegui-los, ao contrário do que se passa noutras elites africanas.

NV: Essa elite é eminentemente pró-MPLA?

RDdC: Não necessariamente. As elites das missões do planalto central, que não são necessariamente do MPLA, mesmo quando têm de disfarçar, também não valorizam uma afirmação cultural fundamentada em traços que se vão elaborando ao longo destes últimos anos. A grande parte dos equívocos que ocorrem, e em relações mais próximas e menos públicas eu chamo a atenção para isso, é que por vezes se exibem como sinais de uma africanidade de raiz,

apenas os sinais de uma africanidade que assimilou traços islâmicos – os vestidos das Senhoras, os Bubus dos homens –, que saem do Norte, de uma África de incidência islâmica. Isso é assumido como afirmação de uma africanidade de raiz, mas são expressões resultantes de outros processos de assimilação. Portanto, tudo isto é muito forjado e elaborado, é uma manifestação de cultura de assimilação.

NV: Então dizes que consegues também encontrar a assimilação de valores pró-Ocidentais no planalto?

RDdC: Sim, o mesmo tipo de aferição de capacidades ou de potencial de intervenção aferido a partir do grau de valores ou expressões europeias, não tenho dúvida nenhuma a esse respeito. Encontras no Huambo e noutros locais do planalto um tipo de quadro, de pessoa instruída, humilde, são outras maneiras de manifestar a sua integração, mas que tem muito cuidado de exibir uma assimilação europeia. O que ocorre aí é que não é necessariamente pela incidência portuguesa, passa a ser pela incidência americana daqueles que foram os seus tutores, mas no fim traduz-se da mesma maneira em termos de comportamento.

NV: Então e aquele discurso da UNITA a respeito da Angola profunda...?

RDdC: Isso é um discurso de intervenção política que não tem outro fundamento. Funcionamos todos a partir de meia dúzia de lugares comuns que se adoptaram e quando penetramos nas coisas e dedicamos outro tipo de atenção percebemos que está tudo por colocar em causa.

Há comunidades negras com aspectos interessantes do ponto de vista cultural, como os Kimbari do Namibe, não é uma etnia é uma categoria sociológica. A designação de

Kimbar aplicava-se a todos os negros que adoptavam o modelo cultural e mesmo económico europeu, eram os auxiliares dos tráficos vários, portanto acabava por significar africano europeizado, hoje ninguém se refere a isso, é uma categoria que hoje perdeu pertinência, porque todos os africanos se europeizaram, mas no Namibe constituiu-se um grupo a partir dos servos, dos escravos que foram entregues aos colonos europeus, muitos vieram do Brasil. Houve no Brasil nos anos trinta-quarenta do século XIX uma revolta contra comerciantes portugueses e o governo português enviou esses servos e escravos para o Namibe. Eles não conseguiam utilizar a mão-de-obra local para a agricultura que tentaram fazer e foram fornecendo trabalhadores, sobretudo de proveniência M'Bundu e Ovimbundu, acabando por produzir uma língua, uma modalidade linguística, uma mistura entre Kimbundu, Umbundu, línguas locais e português, que vigora ainda hoje. Foram-se especializando em ofícios vários e hoje constituem as elites locais. É uma comunidade negra diferente destas todas porque aí encontras até uma certa devoção em relação ao fado e a expressões imediatamente portuguesas, de tal modo que ninguém está de acordo que se tenha mudado o nome de Moçâmedes para Namibe. Eu escrevi sobre isto, inclusive num artigo para a TAAG⁴.

Isto é um produto angolano, tal como o são estas elites crioulas. Há aqui sectores importantes que por vezes nos escapam, a Christine⁵ aflorou e o Michel Cahen sem cá vir também aflorou. São sectores de mestiços produzidos neste espaço de Luanda que se podem associar ao corre-

⁴ TAAG - Empresa de Transportes Aéreos Angolanos.

⁵ Referência à investigadora francesa Christine Messiant.

dor de Malange, Catete, Golungo Alto. De entre as classes dirigentes, a *entourage* presidencial, etc. muitos saem de lá. Há um poder e há uma solidariedade, uma coesão que se fundamenta nisso de serem Luandenses desta zona, Bairro Operário, Cruzeiro, Makuluso, etc. e comunicam uns com os outros, são cúmplices no exercício do poder.

Se olhas para o MPLA vês esse *background* todo de história e informação e depois verificas que, em termos de acção do presente, continua a manifestar-se, ... quem vem de Benguela, os mestiços do Kwanza-Sul que accionam um negócio com uma facilidade espantosa, etc. etc. Também continuamos a ver que há uma rede de Catetes, há sim senhor, que não corresponde nada às expressões de há vinte anos atrás, do princípio do MPLA, é outra coisa hoje, mas é essa realidade que toda a gente dá conta que existe, mas que ninguém estudou ou trabalhou, mesmo dentro do MPLA.

Uma forma muito interessante de se entrar neste assunto é estudar os clubes de futebol, se agarrarmos no Atlético, no Sporting e agora no Progresso e no 1.º de Agosto, ficas na posse de uma percepção da grelha de poder em Angola de há vinte, trinta ou mesmo quarenta anos a esta parte. O Sporting e o Atlético são um manancial. Aqui há uns anos atrás eu ia à Biker⁶ porque ainda estavam aí uns velhos, ... o velho Colosso, que era uma figura notável. Eu puxava sempre a conversa do futebol e eles falavam nas diversas pessoas envolvidas e aquilo tudo se articulava e relacionava com política, as rivalidades, o papel de grupos de futebol, etc. O próprio José Eduardo dos Santos estava muito ligado ao Futebol Clube de Luanda que era a delegação do Futebol Clube do Porto. Se falares com muitos dos nossos

⁶ Nota do editor: cervejaria antiga na baixa de Luanda, frente ao Jornal de Angola.

políticos ligados ao futebol, sem lhes perguntares política chegas lá directo só falando de futebol.

NV: Alguns dos nossos escritores fazem um grande esforço de se colocarem nas peles e nas cabeças de vários grupos sociais, regionais, linguísticos, etc., mas até que ponto é que o conseguem e isso ajuda a perceber melhor esses diferentes génios ou o génio Angolano?

RDdC: Sem fazer nenhuma apreciação à qualidade literária de vários autores, há um esforço realmente de ajudar a criar uma consonância, mas ou isso era servido por uma grande literatura que era ela que a instaurava ou então a literatura está a visar uma configuração que não existe. Expressões literárias que dêem uma noção disso é cedo ainda para se analisar, para fazer esse balanço. Em que termos é que há-de se manifestar uma expressão angolana em literatura? É através da língua portuguesa ou de malabarismos da língua portuguesa? Para isso é preciso um enorme talento, para lhe dar a volta, a volta que o Luandino lhe deu, a volta que o Mia Couto lhe deu, para isso é preciso um enorme talento, que nem é mérito da pessoa, é daquelas coisas que é imanente e é extremamente perigoso, porque a determinada altura corre-se o perigo de tornar-se num malabarismo de palavras. Penso que a literatura vive um tempo em que é cada vez mais *marketing*, cada vez mais escritores estão rendidos a isso, encontrei um escritor português há tempos no Brasil que me disse claramente que “isto é *marketing*, eu sei mais ou menos aquilo que eles querem”.

Também há casos angolanos. Está-se a fazer literatura angolana em Lisboa que situa a acção aqui, e para quem estiver em Lisboa ou Londres ou noutro lado até pode parecer adequado, mas quem está aqui lê e percebe que,

por exemplo, se está a situar uma cena no largo do Kinaxixi, quando não tem nada a ver com o largo do Kinaxixi, a não ser a soca da estátua, não é assim que se anda lá..., mas quem se apercebe disso são os escassos que aqui estão e que lêem, mas como são tão poucos os que lêem, passa despercebido e é dado como Angolano, e nós sabemos que não é, pode ser o que quiserem...

Se um dia quiseres falar mais de literatura temos muito que conversar...⁷

2 - PROCESSOS POLÍTICOS E EXERCÍCIO DO PODER

NV: Como é que entendes o processo de centralização e concentração política em Angola, que factores lhe estão na base?

RDdC: A minha opinião não corresponde de forma nenhuma a uma análise política, continuo a pensar que as formas de exercício de poder em contextos como estes não são necessariamente, ou necessariamente não são.

Quais são as dinâmicas que geram, determinam, consolidam, legitimam os regimes centralizados? Temos aqui vários factores, incidências internas e externas. Não sei exactamente de que forma é que isso emergiu daquele MPLA da luta e libertação, até que ponto foi uma necessidade num contexto de preparação dos poderes necessários para confrontar a situação colonial e posteriormente levar a cabo políticas de desenvolvimento planificado no pós-independência. No entanto, alguns dos que hoje de-

⁷ Nota do editor: infelizmente só voltámos a falar de literatura no último almoço que tivemos juntos em Luanda em 4 de Março de 2010, embora sem a extensão e a profundidade que o assunto merecia.

nunciam esses processos de centralização foram eles que os promoveram, fez parte das estratégias do movimento, da ideologia nacionalista e até de algumas estratégias pessoais desses próprios agentes. Isso reproduziu-se depois ao longo dos anos da história do MPLA e da história da República.

Penso que as modalidades de exercício de poder centralizado correspondem, por um lado, a formas de exercício do poder que têm de se adaptar às circunstâncias e, por outro lado, fazem parte de estratégias que podem não ser propriamente de quem depois centraliza e assume o centro do poder.

Julgo que, em todos estes contextos africanos, desde sempre a centralização foi uma necessidade, que a necessidade se exceda e passe a constituir um abuso é da própria dinâmica do exercício da política. Nós sabemos que também não há apenas uma expressão de centralização, há várias.

Eu continuo a achar que mesmo no contexto actual, do panorama político africano, fala-se em democracia e na sua implementação, mas há sempre maneira de mascarar a centralização e concentração do poder, isso são as próprias dinâmicas do exercício da política. Acho que todas as formas de exercício do poder acabam por degenerar em coisas que se traduzem na arbitrariedade do exercício do poder.

Outro dia o Kabila dizia “acusam-me de estar a exercer o poder como o Mobutu, mas será possível exercê-lo de outra maneira?”. Não respondo que sim, não digo que não, mas fico a pensar...

NV: Fala-me da lógica no seio do poder dirigente e da forma como se consegue esta “união da grande família” na manutenção do poder.

RDdC: Colocando de lado a hipótese de produzir um modelo que se adapte a todos – isso são as nossas veleidades das ciências sociais, de andarmos a produzir modelos – creio que está toda a gente muito de acordo. A transição de poderes, do poder colonial para o poder independente, havia de dar oportunidade a determinadas elites, trata-se portanto de uma questão de elites. É uma questão de determinada elite que se identifica por razões regionais, por razões de educação, por razões de solidariedades várias e depois tem lá remotamente, mas muito remotamente, um batuque ideológico, que se adaptou a esta configuração, que é a configuração de Angola e agora é uma questão de preservação desse poder. Esta é a minha opinião.

O que se passa na cabeça da elite dirigente é que passou tempo suficiente para se apossar de um poder real e há-de fazer o quanto puder para o manter, mesmo que tenha que dar umas coisas aos outros, que é o que está a fazer. O controlo mantém-se e para se manter articula-se também com o exterior, com angolanos no exterior. Existe muita gente fora, Angolanos a trabalhar no exterior para garantir o envolvimento externo, garantem uma agilidade de contactos e de negócios e de adaptações. São Angolanos que não fazem parte do contexto imediatamente interno, trabalham para Angola no exterior e beneficiam dos resultados que as elites de Angola distribuem entre si. Londres está cheia de gente dessa. É gente que hoje não saberia viver em Angola, de todo, e quando cá vêm é de visita, ficam num hotel e depois vão-se embora.

Não querendo generalizar ou caricaturar, julgo que o que se passa nas cabeças das elites dirigentes é que Angola é eles e quem quiser ser Angolano que se sujeite a isso. Não anda longe disto, Angola é eles.

NV: Mas esta realidade é percebida por todos?

RDdC: Há um abismo total entre o querer perceber ou não querer mesmo perceber, ou preferir não perceber, e as pessoas preferem não perceber, preferem não entender. Se cada um fizesse um esforço para se situar em relação a esta realidade..., mas não, não há sequer isso, ...fazem um esforço máximo para participarem da coisa. O esclarecimento é algo perfeitamente dispensável e julgo que não é só aqui, de uma maneira geral é assim. Há uma grande argúcia e um grande sentido das oportunidades e toda a gente sabe quando é que é altura de investir para um lado ou investir para outro. Também não vou dizer que é aí que reside a nossa força, a nossa capacidade, o nosso génio, se calhar outros nas mesmas condições reagirão da mesma maneira.

NV: Existe um argumento, que perpassa vários membros da elite dirigente, segundo o qual é mais fácil surgirem alternativas de poder credíveis – tendências – dentro do MPLA do que surgirem fora do MPLA.

RDdC: Estou de acordo, mas não aparecem porque as circunstâncias não o facilitam nem o estimulam e também por isso é que é cultivado um inimigo a esta dimensão. A UNITA com a dimensão que tem é algo que também tem sido estimulado. Há as tendências todas do MPLA, mas cada vez que toca a combater não há ninguém que hesite, nem eu nem ninguém, ...vamos embora, ...é uma causa comum! Isso é uma força política enorme. É um instrumento político de extrema importância e é assim que funciona.

NV: De todos os partidos com que tenho contactado, para além do MPLA e da UNITA, o PRS deixou-me a impressão de ter um discurso muito estruturado e organizado, baseado em argumentos identitários fortes e localizados, que lhes permitem uma força que não se encontra nos restantes.

RDdC: São essencialmente os Tchokwe, que têm gosto pela discussão, pela disputa política, pela lógica, que depois se transforma numa lógica estranha. É muito instrutivo ler o que escreveu o Henrique de Carvalho sobre as Lundas há cem anos atrás, está cheio de referências ao carácter Tchokwe e julgo que sim, que os Tchokwe têm no ethos deles o exercício da política como prática antiga e consolidada – a política em si, a resolução através da discussão, da argumentação, do negócio, do compromisso. A política vista nesses termos é uma prática Tchokwe imemorial. Os Tchokwe expandiram-se a caçar elefantes, chegavam a qualquer chefe Lunda ou Lwena e de outros lugares e faziam contratos dando uma percentagem das presas de elefantes que capturavam, com vantagem absoluta dos potentados locais. Passados dez anos nesses potentados não se resolvia nada sem a participação política dos Tchokwe e passados vinte anos eram os Tchokwe que decidiam e o potentado estava anulado. Isso é de uma enorme capacidade política, nunca com intervenção militar, só com a expressão da sua capacidade política, isso hoje mantém-se.

NV: A nível do sul, não encontras nenhum fenómeno equivalente?

RDdC: Que eu conheça não. O sul que eu conheço e trabalho é MPLA por estratégia, opção e acerto político, porque a grande ameaça são os do Nano⁸, contra os do Nano esta-

⁸ Nota do Editor: do Nano, i.e. “Do Alto”, referindo-se ao Planalto Central.

mos todos juntos e se pudermos escolher entre ter alguém a mandar aqui ao lado ou lá longe, é melhor deixar estar lá longe, é um Mwene Puto, é uma coisa distante remota, e sobretudo não é aquele que veio tirar o boi aos teus pais e aos teus avós e com quem tens contenciosos históricos.

Sempre entendi o que chocou as pessoas a princípio, quando disse que a adesão massiva que ainda hoje se mantém destes pastores ao MPLA não corresponde a militância nenhuma, corresponde a uma estratégia de aliança. No dia em que o MPLA os trair eles também não lhe obedecem mais. Ali não se coloca sequer a criação de uma formação política localizada, o MPLA serve-lhes muito bem. É a realidade da província do Namibe e da província da Huíla. O Cunene joga com a Namíbia e tem outra configuração, o resto são os N'Ganguelas e o Kwando Kubango, que querem que os deixem em paz. O Leste é outra coisa, e é muito provável que um dia a influência do Leste, dos Kiokos, venha a incidir sobre o Kwando Kubango e o tentem agarrar. O MPLA vai-se mantendo com o corredor de Malange, a faixa costeira, umas alianças Bakongo e chega para manter o poder.

Quanto aos pastores, “sim somos angolanos porque quando temos maka temos de ir ter com o administrador e é lá na administração que obtemos o abastecimento. Se somos do MPLA? Sim, então não somos contra a UNITA? Temos que ser do MPLA”. Mas em meu entender não vai para além disto, mas não vai mesmo. Aqui em contexto urbano é diferente e também aqui ninguém tem dúvida que se a hipótese que ocorre de fazer face à UNITA, que constitui uma ameaça que toda a gente sente como tal, é apoiar o MPLA, então não há dúvida nenhuma. Não tem nenhum

fundamento ideológico. Tem um fundamento étnico? Sim terá, sem dúvida. Mesmo em relação aos brancos, o único que dá garantia de ter em conta a sua condição de pessoa é o tal do MPLA, há alguns brancos na UNITA mas vários deles são daqueles brancos contra os quais nós lutámos e que são os mesmos que eu agora encontro na Namíbia, é o mesmo tipo. A minha consciência nacionalista primeira é de andar desde os dezanove anos a trabalhar no mato e comecei logo a ver muita coisa e como me repugnavam os brancos que eu via a comer lagostas na ilha ao Domingo, são destas coisas que se fazem as opções quando temos dezassete ou dezoito anos...

NV: O planalto central e a sua relação com a UNITA?

RDdC: Essa relação passou por fases diferentes, não sei em que forma estará agora, mas se não for UNITA há de ser outra coisa que se oponha ao poder de Luanda, mesmo quando têm de disfarçar ser de outra forma. Há de ser outra coisa que se oponha a M'Bundus, porque o domínio M'Bundu é associado ao domínio dos portugueses e à penetração Europeia.

NV: Mas os Ovimbundu é que normalmente são acusados de terem sido submissos aos Portugueses...

RDdC: Submissos, mas que não beneficiaram da presença dos Portugueses. Os MBundu sempre tentaram extrair benefícios da presença portuguesa, os outros foram-se sujeitando.

Há aqui um problema grave e remoto do planalto central, que é o do trabalho migrante. O Planalto central sempre teve um excedente demográfico, que começou por ser absorvido pelas caravanas, depois passou a ser absorvido

pelo trabalho assalariado colonial - o contrato -, sobretudo com as plantações do café no Norte, dinamizador da Angola moderna, e depois passou a ser absorvido pelos exércitos do pós-independência. Esse excedente demográfico sempre existiu. O drama do planalto central é para o próximo século. Se vem a paz, daqui a vinte anos temos outra vez excedente demográfico naquela zona e uma dificuldade de o alimentar. Do ponto de vista agrícola a produtividade naquela região já era muito baixa aquando da independência, os terrenos são muito delgados, ...eu fui regente agrícola.

Angola só vai conseguir extrair a sua potencialidade da indústria, da agricultura e do comércio, quando se restabelecerem os circuitos migratórios de mão-de-obra, ora isso não é nem para o meu tempo nem para o teu...

III

FIGURAS, FIGURÕES & FIGURANTES NA CENA DEMOCRÁTICA ANGOLANA – PAPÉIS, MARCAÇÕES E DESEMPENHOS...

Ruy Duarte de Carvalho





FIGURAS, FIGURÕES & FIGURANTES NA CENA DEMOCRÁTICA ANGOLANA – PAPÉIS, MARCAÇÕES E DESEMPENHOS...¹

Ruy Duarte de Carvalho

Luanda, 2004

Vivemos num contexto que não é exclusivo nosso, antes se verifica por todo o mundo onde as condições são mais ou menos as nossas, e em que tudo tende a assumir um carácter imediatamente político, até mesmo a veleidade de franquear os terrenos da ironia. Sabemos todos que a ironia corre muitas vezes o risco de ver-se convertida em agravo. Mas ninguém pensará, espero, que venha aqui para nomear as figuras e os figurões a que faço alusão no título que propus para esta intervenção. É evidente que se não fosse cidadão angolano a residir aqui ao lado, na Maianga, não me atreveria a conceber tal enunciado. É aliás nessa condição de cidadão angolano inserido nas condições locais que agradeço o convite que me chegou de fora para intervir cá dentro.

Quando aludo a papéis, marcações e desempenhos, e a figuras e figurantes, estou óbvia e deliberadamente a produzir metáforas que remetem à arte e à cultura de modalidades

¹ Este texto resulta da comunicação proferida por Ruy Duarte de Carvalho na conferência internacional *O Processo de transição para o multipartidarismo em Angola*, organizada pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e pela Universidade Católica de Angola nas instalações da UCAN em Luanda (Kinaxixi) a 19 e 20 de Agosto de 2004. O texto foi publicado originalmente em Nuno Vidal & Justino Pinto de Andrade (eds. & orgs.) *O Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola* (Lisboa & Luanda: Firmamento, 2006), pp. 99-104. A editora Firmamento, Nuno Vidal e Justino Pinto de Andrade, que detêm os direitos de publicação sobre este texto, cedem-nos para publicação nesta obra.

de espectáculo. Não se trata de recorrer à ideia de sociedade do espectáculo, insuficiente e alheia à compreensão do que se passa com a maior parte da sociedade angolana. Mas também ninguém negará que na cena angolana e no tempo, nas situações e nos actos em que participamos e a que assistimos, há necessariamente estrelas, figuras principais, secundárias e simples figurantes, e papéis e partes, marcações de cena, movimentações e desempenhos, como no teatro, no cinema e nas novelas da televisão.

É por isso também que não me proponho falar aqui para especialistas mas antes para cidadãos, figuras, a quem cabe um papel na cena política deste momento, no acto cénico em curso.

Nunca me propus fazer análise política que não decorresse do uso das minhas ferramentas profissionais de antropólogo e que não se reportasse a problemas de sociedade e de cultura a que a antropologia possa acrescentar algum esclarecimento. E no entanto, ou por isso mesmo, os anos que tenho passado a observar e a analisar as práticas, os comportamentos e as dinâmicas de resposta às incidências envolventes por parte dos pescadores da costa luandense, de outros sectores das populações da capital, de populações rurais do planalto central e de pastores e agro-pastores do nosso sudoeste, têm-me permitido apreender de alguma forma a maneira como esses sectores da sociedade angolana são situados e se situam em relação ao nosso processo político.

É isso que me tem conduzido a tratar, a produzir e a divulgar, de há mais de vinte anos a esta parte, questões que agora, finalmente, são reconhecidas como pertinentes. É o caso da questão das expressões colectivas, quer dizer, das

identidades culturais parcelares que participam e intervêm na nossa cena política. Nunca deixei de desenvolver e de propor para debate, sempre que a oportunidade o facultava e permitia, questões ligadas a conceitos, como o de nação, que finalmente parece oportuno e até rentável tratar entre nós. E isso desde uma altura em que a componente étnica do problema angolano, por exemplo, estava completamente arredada, para não dizer banida, das ideologias, dos discursos, das acções e das atitudes em presença e em disputa.

Também é isso que me permite pretender intervir agora sem me atribuir nem querer ver-me atribuído qualquer desempenho político que não seja o que resulta implícito ao meu lugar cívico de profissional da análise social, e adoptar, embora os tempos sejam de alguma forma outros, uma posição idêntica à que sempre assumi. Proponho-me aflorar apenas, até porque o tempo não dá para mais, alguns problemas de cultura que em meu entender se põem à questão da democracia entre nós.

Se de facto falar de multipartidarismo é falar de democracia, e se democracia pode ser definida, no presente, como uma forma de governo segundo a qual o povo passa a ter autoridade efectiva... quer dizer, se democracia corresponde a um conjunto de procedimentos políticos em que os detentores do poder são responsáveis perante os eleitores quer directamente, porque foram eleitos, quer indirectamente, porque foram indicados para ser eleitos... ou então se democracia pressupõe participação efectiva, consciente e lúcida de quem vota para escolher quem vai colocar no mando para decidir em seu nome – caso contrário não há democracia nenhuma ...

...então talvez tenhamos de reconhecer que tanto a democracia de uma maneira geral, como o acto de votar em particular, são de facto actos de cultura. E admitir que no caso angolano temos na realidade muito serviço pela frente. E que temos de levar muito a sério, se quisermos ser minimamente honestos e eficientes, a cultura e a tradição de relação com o poder da maioria das populações angolanas – quer enquanto pessoas quer enquanto membros de comunidades muito particulares –, e a articulação entre figuras e figurantes no quadro do nosso processo político de democratização. Caso contrario corremos o risco de nos contentarmos com qualquer arremedo ou caricatura de democracia, que pode até confundir-se com algumas das modalidades de governo que ao longo da história foram dando por esse nome, mas não têm de facto muito a ver com aquilo que é efectivamente tido hoje como democracia. E talvez nenhum angolano vá querer, ou vá gostar que lhe digam, que a sua democracia é mais ou menos uma figura arcaica e defeituosa de democracia.

Ninguém de facto duvidará, penso, que o próprio mecanismo formal de votar, e mais ainda a noção fundamental de que o conteúdo do voto é que confere valor ao acto de votar, são aspectos que da parte de uma população com as características da nossa carecem de uma aprendizagem que nem sempre se revela presente ou de fácil apreensão. Para a grande maioria da nossa população essa não será de facto uma operação fácil, perante as tradições e as memórias de poder que estão inscritas na cultura de quem é chamado, e instado, e conduzido, a votar. Mesmo numa situação virtual em que não houvesse nenhum tipo de pressão, nem de tradições de identificação com frentes há muito implicadas na preservação ou na luta pelo poder, nem de inevitabi-

lidades históricas, locais e regionais de opção política no presente, nem da incidência directa de certas figuras, ainda assim as particularidades da nossa tradição e da nossa cultura de relação com o poder terão de ser tidas em conta se queremos avançar para alguma forma de democracia. E falo tanto das tradições que advêm de culturas remotas como daquelas que se referem a uma memória recente. Certos discursos falam de liberdade democrática como se se tratasse de devolver ao povo uma liberdade perdida. Creio que não perderíamos nada em admitir, para nosso próprio bem, que essa liberdade democrática invocada hoje como uma meta a alcançar, nunca existiu antes no seio das sociedades a partir das quais se constituiu a sociedade angolana, nem aliás poderia jamais ter existido dentro dos termos, precisamente, das culturas endógenas que se invocam. E quanto à memória recente, àquela que decorre das experiências vividas pelas gerações em presença, o que temos vivido é antes uma cultura de guerra, de violência e de sobrevivência. E não há nenhuma razão, creio, para que entre nós essa configuração não tenha produzido os mesmos efeitos que se revelam noutros lugares do mundo sujeitos a essas mesmas condições. Estaremos assim situados, em pleno, num quadro em que são muito evidentes vários abismos, nomeadamente aquele que existe entre as formulações teóricas e as efectivas práticas políticas, por um lado, e entre objectivos politicamente proclamados e as rentabilizações grupais e pessoais a que as retóricas usadas pretendem dar cobertura.

Pelo que, ou é para ficar tudo na mesma e se trata apenas de dar um jeito para perpetuar a ficção política nacional e renovar legitimidades, ou então, para não ser assim, se é mesmo para mudar alguma coisa e queremos mesmo

sair da situação em que estamos, o que talvez tenhamos de fazer, depressa e bem, é ver se conseguimos arranjar coragem de encarar de frente a situação em que estamos e de nos assumirmos dentro dela tal como a nossa realidade se revela a todos. Isto é: identificar sem ambiguidades nem eufemismos os nossos problemas e os nossos défices efectivos de maneira a podermos estabelecer linhas de acção e programas; considerar como absolutamente prioritário a resolução daquilo que importaria resolver fosse qual fosse o modelo político em presença. Ainda há em Angola gente a sobreviver, ou não, em muito más condições e abundam os terrenos em que a mais desmunida argúcia política reconhecerá alguns dos nossos maiores défices: estado, administração, fome, pobreza, saúde, cultura, educação. Tratar-se-ia pois de nos virarmos para o que efectivamente nos aflige e entrava, incluindo o que nos caracteriza como pessoas inscritas numa realidade social viciada como a nossa pode sem hesitações ser caracterizada, em vez de nos investirmos sobretudo na sua escamoteação, como é muito comum. De uma acção verdadeiramente política investida nesse sentido, talvez pudessem resultar então os contornos de programas políticos reflectidos, propostos, projectados e eventualmente adoptados em função dos nossos próprios problemas. E seria precisamente isso, quanto a mim, que competiria aos partidos no quadro do multipartidarismo. Porque ou eu estou completamente errado ou sem qualquer programa desta ordem, ou mesmo sem programa nenhum – só com passados e muitas vezes mesmo sem isso –, também não descortino qualquer pertinência na discussão de partidos e de multipartidarismo, que é o tópico geral desta conferência.

Gostaria de poder enunciar aqui, de forma mais detalhada, alguns desses défices e problemas que mais imediatamente nos condicionam, bem assim como alguns dos procedimentos imediatos e menos imediatos, mais pragmáticos ou mais programáticos, que me pareceriam adequados à nossa situação. Mas nem disponho de tempo para isso nem sou político, e grande parte do que aliás poderia ter para dizer a esse respeito já o disse, escrevi e publiquei noutras oportunidades e não há afinal tanto tempo assim. Os tempos que estamos a viver nesta fase do nosso processo serão em muitos aspectos e de alguma forma diferentes daqueles a que ao longo de décadas nos fomos acomodando porque nem as conjunturas externas nem as internas nos apontavam saídas. Mas muitos dos problemas com que hoje nos continuamos a debater talvez não sejam assim tão outros. Tanto as situações que vivemos antes como muitas das que continuamos a viver agora, fazem parte de um processo que estamos ainda a ver se conseguimos ultrapassar.

Deve estar a fazer dez anos, creio, produzi aqui em Luanda uma palestra a que dei o título *Em quem pensam os políticos?*... Colocava aí então, por um lado, algumas das questões que hão-de obrigatoriamente emergir sempre que se afirma a intenção de instaurar um poder que possa adjectivar-se de democrático, com tudo o que isso implica, nomeadamente o exercício da delegação de poderes e logo assim o problema da representatividade. Pelo outro interrogava-me acerca do conhecimento que quem se vê mandatado para tal detém acerca de sociedades e de comunidades em nome das quais se propõe decidir. Passaram-se dez anos. Mas talvez nada se tenha alterado quanto à efectiva necessidade política de conhecer alguma coisa sobre certas configurações estruturais e conjunturais que são as

que assistem entre nós a grupos e a sociedades que têm sabido resolver sozinhas, e de maneira muito particular, localizada e distante dos contextos em que as instituições de topo se manifestam, as suas questões básicas de sociabilidade e de sobrevivência física e social. Mesmo sem entender que me possa competir falar aqui no nome seja de quem for, para isso mais valia ser político, talvez o trabalho em que fui ao longo destes anos conseguindo aplicar as minhas qualificações me permita ainda assim dispor de alguma noção fundamentada sobre aquilo que as pessoas, os figurantes que constituem a entidade abstracta e vaga de populações ou de povo, identificam como questões de interesse comum. Quer dizer, daquilo que segundo a perspectiva da maioria dos Angolanos, afinal, lhes interessa ou as lesa e que também não é sempre, posso afirmá-lo sem qualquer hesitação, o que por exemplo as chamadas autoridades tradicionais dizem e veiculam para as esferas de poder onde afinal andam também a ver se reencontram e se asseguram o seu lugar de figuras políticas.

Poderíamos até tentar ver se do lado dos sistemas políticos endógenos, que aliás nalguns casos e nalgumas situações se mantêm entre nós muito actantes, não haveria aspectos que pudessem ser adaptados e transportados para um programa de criatividade democrática que fosse além do lugar quase sempre caricatural e politicamente muito cínico que se confere e atribui e essas mesmas autoridades tradicionais. Tentar assim fazer intervir as experiências locais, e não apenas os ditames globais, para conjecturar futuros mais favoráveis ao interesse comum de todos e não apenas, ou sobretudo, para justificar certos presentes e interesses privados e de elites. Garantir a abertura para a contribuição de outras culturas, que não somente a oci-

dental, na programação do nosso presente com vista ao nosso futuro e não só em termos de adequação económica mas também de adequações ao modelo democrático e de direitos do homem, das sociedades e das minorias. Tratar-se-ia de reconhecer também a evidente inadequação de certas modalidades impostas pelo modelo estritamente ocidental a conjunturas como as nossas. As instituições democráticas que somos levados a adoptar também elas tiveram que ser inventadas, a democratização não pode deixar de ser uma combinação ajustada de instituições e de práticas, e a democracia, se o quer ser de facto, jamais poderá impor-se ou manter-se como estrutura estática, ela terá de ser um objectivo móvel que se nega a si mesmo caso instaure a impossibilidade de inovar-se.

Custa-me deixar de assinalar, nesta oportunidade, mais alguns aspectos que sem duvida estarão destinados a imprimir a sua carga ao futuro que nos espera e que talvez não se tenham imposto ainda completamente à nossa situação. Seria tempo, quanto a mim, de os introduzir como pistas ou terreno de análise.

É o caso, por exemplo, do défice reconhecido entre nós e que diz respeito à educação, matéria que cabe perfeitamente no âmbito e no contexto em que está a desenrolar-se esta conferência. Remete ao problema da formação das elites futuras e de alterações que começam a revelar-se de forma muito explícita no quadro actual da cena política angolana. Está de facto em curso, por força da marcha do tempo, uma rendição, uma substituição, dos elencos políticos nacionais em que o factor dinamizador de acesso às arenas do poder vai deixando de decorrer prioritariamente, ou de ser quase inteiramente tributário, de currículos de participação na

luta de libertação nacional – mata, cadeia, clandestinidade, exílio. Esse quadro vai desaparecendo ou tende a desaparecer segundo a ordem natural das coisas – é uma questão de tempo cronológico, de gerações, de idade. Os lugares passam a ser pretendidos e estão em vias de vir a ser ocupados por sujeitos dotados de outra ordem de currículos, em que o que conta é outra ordem de valorizações, títulos académicos, nomeadamente. Por outro lado, sinal também dos tempos, a conjuntura nacional, académica neste caso, tende a privilegiar e aliás muito pragmaticamente segundo a ordem de lógicas que vigora, as zonas de formação que mais imediatamente apetrecham para desempenhos dentro da cena e dos corredores do protagonismo tanto político como social e económico. Daí talvez que a produção nacional de licenciados e de pós-graduados esteja também a privilegiar habilitações e qualificações que contemplam menos o sector produtivo, que é a prioridade das prioridades entre nós, do que as actividades que se situam a jusante da produção de riqueza, e a consomem. Esta é sem dúvida uma questão que há-de vir a pôr-se à política nacional de educação quando chegar o tempo de haver alguma.

Outro aspecto que me parece ser tempo de encarar, refere-se a questões de identificação entre populações e poder. Durante os primeiros anos que se seguiram à independência teve que haver, não podia deixar de haver, uma identificação emotiva entre as populações e o poder, ou os poderes, que passaram a ser o “nosso” poder, o nosso primeiro poder, aquele que tinha substituído o poder do “outro”, do colono. Vencido o poder do outro cada um se sente historicamente vencedor, identificado com o poder de quem venceu. A noção de que este poder pode ser também entendido como um corpo estranho ao interesse comum,

e de todos, só ocorre mais tarde. E talvez o próprio curso do tempo não possa deixar de nos encaminhar, também, para percepções ou para problemas dessa ordem.

Outro aspecto ainda apenas a título de exemplo, ou outro problema que em meu entender nos convém encarar segundo uma perspectiva diferente e que tenha em conta a história e a cultura que nos assistem, dirá respeito à reintegração geral da sociedade angolana. A percepção do tão mencionado problema dos desmobilizados, dos deslocados e das sobrecargas urbanas, não estará a ser visto de uma forma adequada, quanto a mim, enquanto não for encarada a evidência de que há populações e regiões com sobrecargas demográficas que há séculos, desde que a história sabe, tiveram que encontrar solução para isso. Primeiro foi o processo do tráfico, e depois foram as caravanas de carregadores, e depois os contratados e depois os exércitos e os grupos armados, até agora. Com o fim das guerras há muitos contingentes populacionais que a política interna vai ter de ocupar e de integrar. E do lado de fora, ultrapassado ou em vias de ultrapassar-se, parece, o tempo do negócio de armas e de explosivos, talvez tenha chegado o tempo de certos poderes e de certos interesses começarem a pensar em dar aproveitamento a uma mão-de-obra muito abundante e barata na origem. Na terra deles já encheu de emigrantes. Talvez não seja preciso ser profeta para poder a partir daqui conjecturar de que forma a nossa realidade tende a alterar-se num futuro que não é de todo imediato mas que talvez também não tarde assim tanto.

De qualquer maneira o que eu verdadeiramente desejo neste momento, como cidadão angolano, é que as eleições que aí hão-de estar a vir cheguem a ser bem disputadas e

que entretanto as partes envolvidas vão planeando alguma forma de concerto que possa ser encarada e posta em acto após a revelação dos resultados eleitorais. Concerto não apenas entre figurões, figuras e partidos mas também entre esses e os figurantes em cena, entre o poder e as populações, minoritárias ou não, que todas afinal o são. Um concerto que contemplasse também a relação entre as pessoas, democraticamente entendidas como tal, e as elites que é suposto representá-las e decidem por elas quer dentro das comunidades quer nos terreiros do poder central. Um concerto que tivesse em conta os termos efectivos de um interesse comum. Caso contrário tudo fica difícil de conceber, até a própria ideia de nação. A existência de uma nação, que é ainda entre nós um objectivo e de que tanto necessitamos para sobreviver, e até para nos podermos pensar, pressupõe da parte dos governos a percepção de denominadores e de plataformas de interesse comum que conjuguem, articulem, aproveitem e gratifiquem quantas expressões de sociabilidade, de cultura e de culturas tiverem para governar. Caso contrário, permitam-me que insista para finalizar, continuo a não ver muito bem qual é entre nós o espaço e o lugar dos partidos e do multipartidarismo no concerto das culturas em presença.

Há dez anos também, publiquei um artigo chamado *O direito à exigência...* Pretendi aí dirigir-me às nossas elites de uma maneira geral. Invocava nele a necessidade vital para o nosso presente e para o nosso futuro, em meu entender, de nos respeitarmos e de nos aferirmos não pelas pastas, pelas cadeiras ou pelos cargos que ocupamos, nem nas qualificações que nos atribuímos ou nos títulos académicos que conseguimos e exibimos, mas pela maneira como executamos as funções inerentes aos lugares que

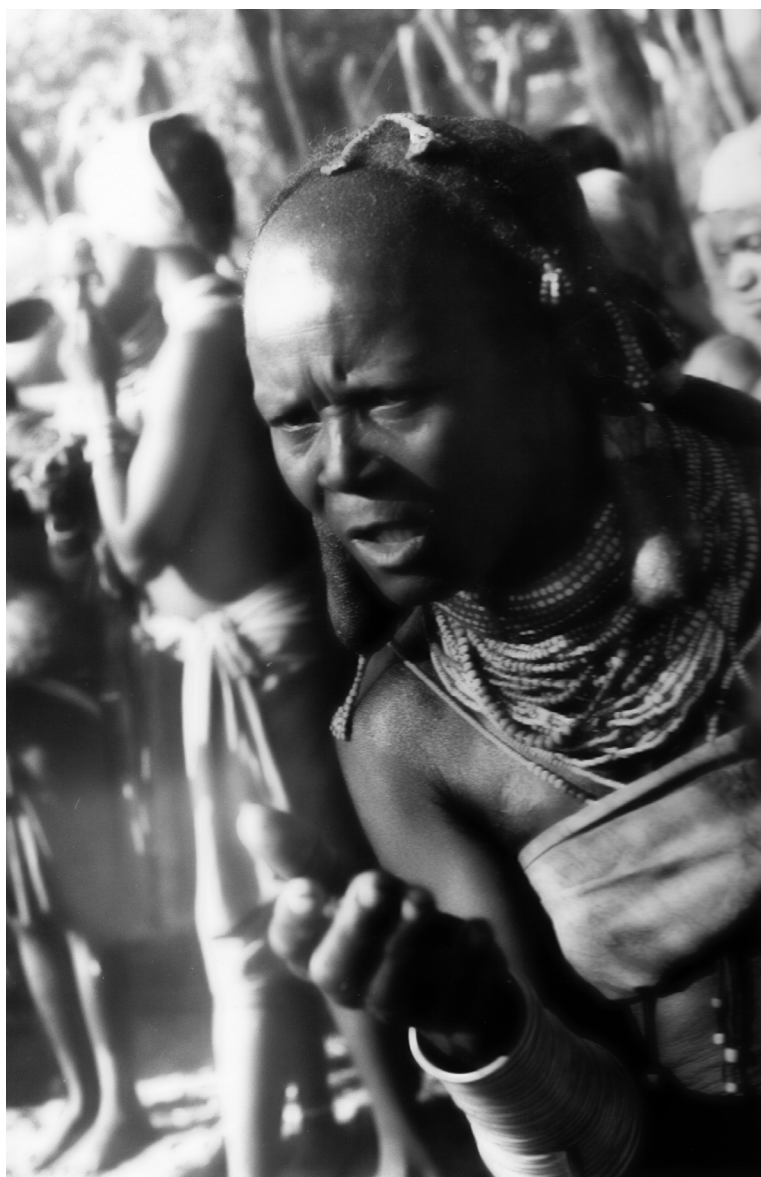
ocupamos e que a sociedade, a nação e o interesse colectivo têm o direito de exigir de nós. Preencher um lugar talvez seja uma operação fácil, mas isso por si só não garante o desempenho adequado da função que justifica esse lugar. E depois há o desvio das funções. E depois há, por razões políticas e outras, um desperdício enorme de competências. Temos portanto, para além do problema imediato da fome, dos deslocados, dos desmobilizados, da sobrepopulação urbana, das estradas e dos transportes, da saúde, da educação, da administração, do Estado, um problema de elites, porquê, e a favor de quê e de quem, passar-lhe ao lado, como quase sempre acontece? Julgo que esta é uma questão que se mantém pertinente entre nós. E ela é sem dúvida uma questão de cultura.

IV

TEMPO DE OUVIR O
'OUTRO' ENQUANTO
O "OUTRO" EXISTE,
ANTES QUE HAJA
SÓ O OUTRO...
OU PRÉ - MANIFESTO
NEO-ANIMISTA

Ruy Duarte de Carvalho





TEMPO DE OUVIR O 'OUTRO'
ENQUANTO O "OUTRO" EXISTE,
ANTES QUE HAJA SÓ O OUTRO...
OU
PRÉ - MANIFESTO NEO-ANIMISTA¹

Ruy Duarte de Carvalho

Lisboa, 2008

..... fazendo eu parte, cívica, emotiva e intelectualmente, da categoria geral do OUTRO em relação à Europa, também por outro lado a questão do OUTRO, e dadas as condições fenotípicas e de origem que me assistem, tem feito sempre parte da minha experiência existencial e pessoal dentro do próprio contexto, africano e angolano, em que venho exercendo a vida e ofício..... isso me tem levado, para poder ver se consigo entender o mundo e entender-me nele e com ele, a identificar e a reconhecer uma multiplicidade de OUTROS..... no presente caso retive apenas três categorias de OUTRO, que são as que me parecem capazes de permitir-me tentar expor o que poderei ter para dizer aqui.....

.....considerarei aqui como *OUTRO*, sublinhado ou em itálico, os indivíduos e os grupos, muitos deles já nascidos ou constituídos nos territórios das ex-metrópoles a partir de genitores ex-colonizados ou provenientes de ex-colónias e que

¹ Este texto resulta de uma intervenção do Ruy Duarte de Carvalho na conferência *Podemos viver sem o outro?* organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa a 27 de Outubro de 2008, tendo sido posteriormente publicada numa colectânea de autores com o mesmo título, *Podemos viver sem o outro?* (Lisboa: Tinta da China & Fundação Calouste Gulbenkian, 2008). A Fundação Calouste Gulbenkian que detém os direitos de publicação sobre este texto cedeu-os gentilmente para publicação nesta obra.

hoje integram, de pleno direito estatutário, as populações nacionais dessas mesmas ex-metrópoles embora reconhecidos como diferentes da massa dominante através de traços fenotípicos ou culturais..... como 'OUTRO', entre apóstrofes, o ex-colonizado ocidentalizado com que o ocidente lida nos contextos das ex-colónias..... e finalmente como "OUTRO", entre aspas, aquele sujeito marcado por traços afetos a populações que, integradas embora como nacionais em estados-nação que hoje existem a partir de contornos ex-coloniais, mantêm usos, praticas e comportamentos mais afins a quadros pré-coloniais do que pós-coloniais ou mais ou menos ocidentalizados..... quer dizer, subsiste aí, em muitos casos, um "outro" não, ou ainda não completamente, ocidentalizado o qual no decurso de um presente que é também o nosso, continua a ser objeto, evidentemente, de uma pressão ocidentalizante que acaba por ser a marca dominante do seu comum dia a dia de pessoas que à luz dos proclamados direitos do homem valem tanto como quaisquer outras pessoas no mundo.....

.....só que a sua situação e a sua condição se revelam tão diferenciadas nos contextos nacionais em que subsistem, que da mesma maneira que aqui na Europa, onde estou agora a falar, as ex-metrópoles parece não saberem muito bem às vezes o que fazer com *o outro*, em itálico, que vem ao mundo em território seu, também o 'outro', entre apóstrofes, que gere os territórios das ex-colónias, parece também por seu lado ter dificuldade em saber o que fazer com esse "outro", plenamente entre aspas.....

..... este será, em meu entender, um dos problemas, um dos impasses colocados ao mundo de hoje pelo processo histórico que veio a configurá-lo e continua a dinamizá-lo tal como ele hoje existe, e é evidente que estou a falar da

expansão ocidental como ela se tem desenvolvido e mantém em curso.....

*

..... outros problemas porém, muitos dos quais, de novo em meu entender, acabam por constituir-se ou configurar-se como impasses, assistem ao mundo de hoje na decorrência, precisamente, e insisto, da expansão ocidental e do lugar que a matriz ocidental de civilização acabou por impor ao mundo inteiro..... de um modo tal, aliás, que as evidências de uma situação assim não deixam de suceder-se e impor-se cada vez com mais premência, como está acontecendo exatamente neste preciso momento com a crise financeira que o mundo está enfrentando..... parece que o mundo ocidental, e ocidentalizado, não pode decididamente ignorar mais a necessidade urgente de fazer alguma de inédito por si mesmo..... do que nestas últimas semanas tenho insistentemente ouvido a tal respeito, retenho apenas que todas as instituições e os governos ocidentais chamados a pronunciar-se sobre a crise em presença se viram perante a necessidade de afirmar que as suas atuais preocupações dominantes com a finança não devem nem podem ofuscar, nem preterir, nem retardar a preocupação vital e global com a saúde, a preservação e salvação ambiental do planeta..... e mais ainda que os *develloping countries*, que não são exatamente aqueles que mais imediatamente são convocados para encarar a crise do mundo geral, ocidental e ocidentalizado, exigem ser ouvidos quanto antes.....

..... e é aqui que me ocorre formular a seguinte pergunta: sendo que o mundo global reconhece ter de fazer imperativamente alguma coisa por si mesmo em relação à

sorte global do globo, sendo que as vozes emergentes terão obrigatoriamente de ser ouvidas, não seria talvez então também já agora altura de atender ao que toda a espécie de vozes que o mundo ainda comporta poderá ter eventualmente a dizer no interesse talvez de todos? mesmo as vozes daquele “outro” que eu aqui identifico envolvido entre cerradas aspas ?.....que podemos viver sem ele, recorrendo ao mote deste encontro, talvez possamos, até porque ele vai inexoravelmente desaparecer, mas não seria pertinente, para o debate e para a sorte do mundo, tentar ou ensaiar ouvi-lo ainda, enquanto existe ?.....

*

..... estou a sair da Namíbia onde de há cinco meses a esta parte tenho usufruído do luxo de poder dedicar-me exclusivamente a um livro que estou escrevendo é um livro de meia-ficção, na sequência de outros em que tenho tentado essa modalidade, e cuja ação se desenvolve em grande parte no sudoeste de Angola e no noroeste da Namíbia, onde subsistem precisamente populações que eu posso identificar com o tal OUTRO absoluto que tenho vindo a referir..... quando recebi lá o convite para participar neste encontro acedi sem grande hesitação porque em meu entender me via colocado uma vez mais numa situação em que a realidade vem ao encontro da ficção e poderia de alguma forma integrar o estar agora aqui no programa que me tinha anteriormente imposto e via assim interrompido..... na trama do enredo que tenho vindo tratando nesse livro em curso, dois dos seus personagens concebem a certa altura poder ter para propor ao mundo, a partir das cosmologias e das cosmogonias locais, australo-africanas, para o caso, a figura de um herói tutelar perfeitamente

adequado às preocupações, às aflições e às urgências que parecem impor ao mundo em que vivemos uma resposta pronta, eficaz, adequada e no entanto bem difícil de conjecturar ou conceber porque essas preocupações, aflições e urgências decorrem afinal de pressupostos e de dinâmicas que o mundo moderno, ao mesmo tempo, parece pouco disposto a por em causa.....

..... o herói em questão dá pelo nome de Nambalisita, e é figura de grande estatura no imaginário e nas expressões das populações da região a que me referi e que também costumo identificar como mancha clânica pastoril do sudoeste da África, constituída sobretudo por populações herero, ovambo e nyaneka Nambalisita, com quem eu lido de muito perto desde que há mais de um quarto de século rodei um filme chamado Nelisita, é aquele que se gerou a si mesmo..... ele nasce de um ovo auto-fecundado..... e contra o mal e os maus e os desconcertos do mundo, Nambalisita faz apelo aos animais todos da criação, seus irmãos, os seus rapazes, e até mesmo à criação inteira.....

..... só que, sabem os personagens do meu livro muito bem, não será fácil propor um herói desses ao mundo ocidental e ocidentalizado que detém as rédeas do mundo e dos seus destinos.... Nambalisita emerge de uma matriz cosmogónica e cosmológica que não é a que conferiu ao ocidente o poder para vir a ocupar o lugar que hoje ocupa no mundo globalizado..... enquanto para nós aqui, nesta borda da África, refere um desses personagens, para a nossa maneira de ver as coisas a tudo quanto é vivo assiste uma alma igual que afinal cada ser vivo, seja ele pessoa, hiena ou lagartixa, exprime, vivendo, conforme o corpo de que dispõe, para os brancos e para aqueles que

os brancos converteram, domesticaram à maneira deles, é tão só o corpo que identifica o homem enquanto animal, porque o que o constitui como homem é ter uma alma de que o resto da criação não dispõe..... é essa a expressão da razão, da arrogância e da soberba invasora..... ela coloca o homem fora da condição biológica como se ele estivesse a salvo de tal baixeza e partilhasse com deus, só ele e não o resto da criação toda, da condição divina..... o homem no centro do universo e a servir de medida a tudo, até a deus..... antropoformização de tudo, mesmo de deus..... o divino configurado como um deus branco de barbas brancas..... tudo domesticado segundo um modelo que previa até o selvagem que nós seríamos aqui, um meio-humano que só tem acesso ao patamar da humanidade, só é verdadeiramente humano, quando aferido em relação não à medida do resto da criação no mundo, mas à da maneira de certos homens que têm uma versão do mundo e da vida que impõem aos outros, e armas, meios e dispositivos para tirar benefício disso..... o universo feito para uso deles e, em nome de deus e da civilização, autorizados a converter entretanto o mundo todo, divino, humano, animado e inanimado, às suas maneiras, à sua maneira..... uma maneira, a do paradigma que cobriu a expansão ocidental, portanto, que não pecava afinal por sobreestimar as pessoas..... não as colocava mas é tão alto quanto lhes cabe..... porque mesmo depois de ter chegado o tempo das descolonizações e da entrega das soberanias locais aos ocidentalizados que provinham das populações indígenas anteriormente encontradas, o que de facto aconteceu foi legar-lhes, sem nação ou arranjo pluri-nacional, uma herança envenenada de estados modernos definidos por fronteiras políticas coloniais historicamente recentes e

alheias aos diferentes e muitas vezes distintos grupos ou sociedades envolvidos ou retalhados..... e exigiu-se-lhes de pronto o desempenho de estados-nação num mundo universal onde as regionalidades dominantes em vias de consumação no quadro político das globalidades operam, ao mesmo tempo, no sentido de se desembaraçarem dessa figura política de estado-nação, como está acontecendo por exemplo com a Comunidade Europeia.....

.....só uma grande volta paradigmática, portanto, acrescenta então outro personagem plenamente ao corrente das terminologias ocidentais..... paradigmática e verdadeiramente pragmática..... mas que não contemplasse esses pragmatismos oportunistas e cínicos em que a categoria do necessário e do vantajoso substituiu completamente a do possível e consistem em não conseguir encarar nada sem fazer logo as contas do benefício parcial que a situação inspira e não olhar para o mundo senão em função disso

..... da mesma maneira que seria necessário ter em conta que a uma tal volta paradigmática não bastaria admitir que o "OUTRO" pudesse ser capaz de ver os fenómenos e o mundo e avaliá-los e equacioná-los e aproveitar-se deles segundo as suas razões e os seus interesses, como faz o ocidental.... isso não é volta paradigmática nenhuma, é uma questão de bom senso..... volta paradigmática será admitir, e reconhecer, que alguém, mesmo sendo o "OUTRO", pensando de uma maneira radicalmente diferente, possa conseguir ver certas coisas e certos fenómenos de uma maneira melhor e mais adequada à efetiva configuração do mundo, e que os ocidentais e os ocidentalizados, nesse caso, é que teriam a aprender com o "OUTRO", e que isso acabaria por convir a todos..... uma volta, assim, que permitisse, perante os

impasses que a expansão e a imposição do paradigma ocidental produz no mundo inteiro – inclusive nessas partes do mundo de onde ele saiu porque estão agora a contas com o troco, que são os filhos dos ex-colonizados, que estão a nascer lá –, permitisse ao próprio saber ocidental achar ser tempo de prestar uma atenção diferente aos chamados discursos arcaicos, dar-se a uma contra-descoberta, por assim dizer, daqueles que antes foram descobertos pelas caravelas..... o que talvez, na linguagem dos especialistas, pudesse ser formulado dizendo que seria tempo de ouvir o ‘outro’ enquanto o “outro” ainda existe, antes que haja só o *outro*, o tal imprevisível mestiço universal que o tempo se encarregará de produzir.....

..... é isto que os meus personagens dizem no livro que estou a escrever e interrompi para poder estar agora aqui..... esse livro virá a estar à disposição de todos dentro de algum tempo, e só vou deter-me agora aqui num dos aspectos que enunciei: ouvir ainda esse “OUTRO” enquanto ele ainda existe..... ainda existe mesmo ?.....

*

....existe ainda sim, em certas partes do mundo como aquela de onde estou a sair e me mobiliza de há décadas a esta parte a atenção total..... e se me empenho agora aqui em fazer campanha para que esse “outro” seja ainda tido em conta e ouvido não é tanto porque entenda que devemos ir todos escutar atentamente o que os mais-velhos de lá poderão ter ainda para dizer e para nos ensinar..... a minha experiência de antropólogo leva-me a encarar com a maior prudência o que os mais velhos de hoje poderão vir a dizer aos que os abordam para interrogá-los..... dizem exatamente aquilo que muito pragmaticamente entendem

que lhes convém que os outros ouçam, como acontece seja com quem for em qualquer parte do mundo..... será antes imperativo, em meu entender, ter essas populações em conta porque elas ainda hoje, neste preciso momento, continuam a ser alvo de uma violentação, de uma lesão, que lhes é imposta pela expansão ocidental ainda em curso e acionada tanto por ocidentais estrangeiros como por ocidentalizados compatriotas seus.....

....não estou aqui mandatado por ninguém para falar em nome seja de quem for..... falo por mim..... não defendo nenhuma causa, assumo uma questão que diz respeito à minha própria razão de existir..... mas não posso deixar de referir, quando sou chamado a pronunciar-me acerca de questões que se reportam ao lugar do OUTRO, de que forma me aflige, para não dizer de outra maneira, ver populações que eram assediadas antes por agentes da ocidentalização impondo-lhes assumir os sinais e as maneiras do modelo ocidental e do progresso tecnológico e que são assediadas hoje pelos mesmos agentes ou equivalentes que agora pretendem impor-lhes a preservação dos sinais e as maneiras dos seus modelos arcaicos e não-ocidentais porque isso passou a insinuar-se como o mais rentável tanto para uns como para os outros desde que se deixem integrar em menus de programas turísticos e se deixem representar como expressões de um exótico ecológico e redentor ao lado de outras atrações bizarras como manadas de zebras, de elefantes e de gazelas.....

....não me perguntem que soluções proponho para problemas desta ordem..... não sou nem político, nem profeta, nem militante seja do que for..... mas terão certamente o direito de perguntar-me aonde quero chegar se não te-

nho propostas para salvar o “OUTRO” e todavia ainda assim convido a que esse outro seja tido em consideração e ouvido embora também não proponha que vão lá ouvir o que os mais-velhos poderão ter para ensinar..... que tipo de ação ou de atitude me leva ainda assim a pretender reter-vos a atenção ?.....

*

.....o que eu proponho é bem simples e ao alcance de interessados e de profissionais susceptíveis de ser congregados à volta de questões desta natureza..... não é ter um caminho a propor..... é antes ter algumas ideias para uma eventual hipótese de poder vir a ajudar a encontrar maneira de achar um caminho..... admitir uma possível perturbação, reconfiguração ou mesmo substituição prospectiva, pragmática e programática do paradigma cosmogónico, cognitivo, institucional e político ocidental/global/universal, recorrendo a outros quadros paradigmáticos..... não se trataria de introduzir qualquer espécie de remedeio, de compensação ou de arranjo nos terrenos do paradigma humanista, mas antes de tentar configurar, ou reconfigurar, um novo paradigma..... no âmbito desta proposta a hipótese apenas seria encarada a partir e através da identificação, da convocação e da possível integração de dados provenientes de outros quadros de concepção, cognição, representação e ação afins a géneses africanas e outras..... não se trataria seguramente de tentar sustentar a mudança mas de convocar outros saberes, outras visões, outras maneiras, outras hipóteses de mudança para além da que é imposta pelo programa ocidental..... nem se trataria de visar a substituição de um paradigma por outro ou de propor um melhor que o outro mas al-

vitrar apenas alguma ação que soubesse extrair do que se sabe, e de todos os meios e expressões, alguma maneira melhor de lidar com toda a ordem de impasses sem estar a criar sempre novos impasses civilizacionais, acrescentando novos impasses a toda a ordem deles.....

.....voltando à proposta, pois: não será eventualmente possível encarar a hipótese de poder extrair de outros quadros paradigmáticos que não o do humanismo ocidental algo que venha ao encontro do próprio interesse global irreversivelmente marcado e conduzido pelo modelo que o ocidente impôs ao mundo inteiro e continua em expansão ?.....

..... mas então se o meu programa não passa por ir muito voluntariosa, folclórica e militantemente ouvir o que os mais-velhos poderão ter para ensinar, passará por quê então? poderá talvez passar muito ortodoxa e academicamente, e será esse o meu sucinto e singelo e discreto programa, por ir ver o que a própria expansão ocidental terá produzido como registo sobre o "outro" uma releitura, uma revisita, portanto, daquilo que existe escrito..... mas não uma releitura crítica clássica..... procurando antes tentar descortinar e extrair o que poderá estar por detrás dos documentos etnográficos que foram utilizados, se existirem, ou dos textos produzidos sem que os seus autores tivessem em conta a hipótese de poder existir qualquer outro paradigma susceptível de merecer alguma consideração..... uma releitura, portanto, que ensaiasse agora outra perspectiva, uma perspectiva, precisamente, que tivesse em conta outras maneiras de o homem ver a sua relação com o resto da criação, que conferisse, assim, uma importância e uma pertinência diferentes a paradigmas outros que não o paradigma huma-

nista ocidental que se impôs, dominou, e impera a partir daí em exclusividade..... que tivesse até em conta que esta seria, talvez, uma oportunidade inovadora garantida aos intelectuais ocidentalizados, *outros* e 'outros', saídos tanto do campo do 'outro' como do do *outro*, e chamados sempre, sem alternativa, a situar a sua afirmação e o seu desempenho nos terrenos e nas arenas do exercício dos saberes e dos poderes de matriz ocidental..... poderiam assim talvez finalmente intervir de uma maneira que lhes evitasse ceder ao folclore de fantasias autenticistas ou renascentistas e a coloboracionismos étnico-turísticos e nos abrisse enfim uma via para reivindicar para nós mesmos, também, o direito à exigência..... há muito tempo que me atrevo a dizer que a intelectualidade científica dominante só nos respeitará mesmo quando se vir obrigada a incorporar na ciência global alguma coisa que saia de uma matriz inequivocamente nossa.....

*

.....o programa que eu então me atreveria a sugerir aqui, sem saber muito bem a quem propô-lo, seria o de encarar uma ação que partisse de imediato para uma releitura geral de tudo quanto está registado sobre o saber do Outro, sobre saberes Outros, à luz da hipótese de poder admitir a existência e a eventual pertinência de paradigmas outros para aferir a relação das pessoas com o resto da criação, sem deixar também, logo à partida, de ter igualmente em conta todas as ofensivas anti-humanistas que o próprio paradigma humanista terá gerado ao longo da sua própria história e o que estará, está de facto, entretanto neste momento a ser feito em relação ao mesmo objetivo ainda que formulado de outra maneira.....

.....um programa, portanto, que viesse ao encontro das preocupações, dos problemas, dos impasses do mundo atual mas que visasse muito para além das *démarches* salvaçãoistas e socorristas das militâncias que vemos em curso e afinal não conseguem pôr sistema nenhum, por mais lesivo que ele se tenha já revelado, em causa..... que visasse antes uma volta tão absoluta na maneira de olhar para o mundo que ela viesse a constituir um salto quântico, uma mutação, um *clinamen* capaz de inspirar um quadro de relações do homem com o resto da criação e com o mundo em geral muito diferentes daquelas que o programa humanista desenhava para o futuro do mundo, a ponto de lhe estar agora a perturbar o presente de uma maneira que assusta a todos..... que reapontasse a práticas diferentes que até talvez acabassem por convir a todos, mesmo àqueles que só querem é tirar proveito do domínio de tudo..... um programa, enfim, que quanto mais não fosse criasse a possibilidade de autorizar que alguém pudesse ensaiar, experimentar, tentar, ver o que poderá talvez esclarecer-se dentro do que é imediatamente possível averiguar sem fazer muito barulho nem gastar muito dinheiro..... permitisse tão-só talvez, sei lá, colocar alguns estudiosos a rever ao menos tudo o que está fixado, recolhido, escrito sobre as culturas outras..... novas leituras que permitissem novas extrações a partir dos mesmos materiais..... não haverá nada desprezado antes mas a extrair agora do paradigma animista, por exemplo, conforme as novas visões, as novas questões e os novos interesses que se impõem neste momento ao mundo?..... talvez assim os personagens do livro que ando escrevendo encontrassem então terreno propício para propor o seu herói tutelar, esse Nambalisita herói ecológico e da alma

comum que é homem e herói fora da condição humanista e de uma genealogia divina que até agora só foi dizendo respeito aos homens de certas cores e de certa cultura e lhes foi conferindo autoridade e legitimidade para irem controlando e regulando tudo, a criação inteira, incluindo os homens de outras cores.....

....e talvez eu viesse então finalmente a encontrar fundamentos para formular em definitivo aquilo que ando a visar e a prometer há muito: um manifesto neo-animista proposto ao mundo inteiro como uma das vias da tal volta paradigmática e pragmática capaz de conferir lugar e sentido a todas as existências, divinas, biológicas e minerais até.....

V

DA ANGOLA DIVERSA

Ruy Duarte de Carvalho





DA ANGOLA DIVERSA¹

Ruy Duarte de Carvalho

Swakopmund, 2009

... não mais ter de dizer, daqui para a frente. Acabar de vez com a escrita argumentativa e demonstrativa. Deixar definitivamente de impor-me a intenção de ter de dizer para quem não lê e escrever para ser apenas lido por quem tem do saber uma ideia selada pelo próprio saber vidrado sobre si mesmo ...

Ruy Duarte de Carvalho, *Actas da Maianga*, 2003

Peço humildemente ao leitor que leia este capítulo com o cuidado possível. Não disponho do talento necessário para fazer-me entender por aqueles que recusam concentrar a sua atenção naquilo que lêem.

J.J. Rousseau, *O Contrato Social*

1. MAKAS, INDAKAS & PARTICIPAÇÕES

..... e ainda assim..... se me for permitido preservar as minhas reticências de incidência variável, que pontuam as hipóteses que tenho para propor, jamais certezas, e fundamentam a minha postura, e se puder propor um texto que

¹ Este texto foi publicado originalmente em Boaventura de Sousa Santos e José Octávio Serra Van-Dúnem (orgs.), *Luanda e Justiça: pluralismo jurídico numa sociedade em transformação*, Luanda/Coimbra, 2010. O Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e a Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto, que detêm os direitos de publicação sobre este texto cederam-nos gentilmente para publicação nesta obra.

não pretenda ser senão uma simples articulação de notas de reflexão sem visar conclusão nenhuma..... e acolhendo e privilegiando sobretudo, talvez ainda, a sugestão que me é feita de questionar a formulação proposta..... bastará colocá-la na interrogativa: a diversidade cultural como condição capaz de favorecer a afirmação da identidade (da nação) e da democracia?..... é que eu, de facto, não estarei assim tão certo de que a diversidade cultural se revele tão imediatamente afim e propícia à prática democrática entre nós..... ou vice-versa..... mais: transportando o que me é proposto para uma interrogação temática, o que me ocorre de imediato é uma pronta abordagem pela negativa..... não e, tenho muita pena, apenas porque as coisas são como elas são.... para que sim, para que fosse tão implícito e pacífico assim que a diversidade cultural e a democracia casassem sem problema, seria necessário que quem governa, legisla, aconselha, julga, delibera, decide, programa, manda, implementa e executa, tivesse a diversidade cultural devidamente em conta quando pretende actuar em nome da nação inteira.....

... mas o projecto vem da própria Universidade Agostinho Neto..... e isso poderá indiciar que alguma coisa possa estar mexendo por lá..... nunca consegui que a Universidade ligasse a mínima aos projectos de pesquisa que consegui manter ao longo de muitos anos no sul do país, embora tivesse sempre invocado andar trabalhando temas e questões de espaço e de território que, para além de poderem ter interesse nacional, haveriam certamente de interessar também aos currículos escolares em vigor e ao que me era exigido enquanto professor de antropologia do espaço, precisamente, no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Engenharia, onde aliás ia expondo

os resultados da minha pesquisa quando achava que eles convinhavam às aulas que lá dava..... resultados esses que entretanto vieram a dar livros e foram expostos também noutras universidades afinal talvez mais atentas ao que eu andava então a fazer, e será certamente o eco disso que agora explica ver-me convidado para expor e me expor de novo no contexto da UAN.....coisas talvez que, se a solicitação que me foi feita não invocasse também a minha condição de escritor, para além da de antropólogo, eu não estaria agora, por mero pudor, a referir..... mas se não sub- jazesse uma estória pessoal por detrás disto tudo também não estaria agora a ser chamado a colaborar..... e a honra é muita e a oportunidade é uma.... digamos mesmo que é única.....

.... de facto, não sendo especialista, nem mesmo enquanto observador e analista, de questões jurídicas, ou de regulação e controlo político, social ou criminal, durante toda a minha vida profissional de regente agrícola primeiro, antes da independência, e de cineasta e de antropólogo, depois, cruzei muito com problemas e processos jurídicos daqueles que no âmbito de certas culturas, ou em terrenos onde várias culturas interactuam, se furtam à percepção comum, daquelas com que os académicos normalmente só deparam quando cruzam com documentos que jazem rendidos em pastas e caixas de esfarrapadas memórias arrumadas em arquivos históricos..... de alguns deles – testemunhos, por vezes, de inquietantes e muito críticas situações – fui dando notícia à medida que fui conseguindo divulgar regularmente os resultados das observações a que as minhas voluntariosas pesquisas me iam dando acesso, e julgo estar assim razoavelmente colocado para poder afirmar, em simultâneo, que a diversidade cultural

é sim um dado que intervém na prática social a nível do nosso país inteiro, mas que de facto ela raramente é tida em conta, por quem de direito, para além do que possa manifesta e imediatamente referir-se a alguns folclores dados em espectáculo, e a alguns artesanatos.....

..... não seria no entanto possível, ou pelo menos amavelmente conjecturável, admitir a hipótese de poder, também por uma questão de elegância e de boa muxima, abordar o tema mais pela positiva?... sim, talvez, podemos até tentar..... mas só se tentarmos antes, precisamente, assumir a coragem de experimentar encarar as coisas como elas são.....

2. DAS COISAS COMO ELAS SÃO

..... culturalmente diversa, Angola?..... sim, e trata-se de uma diversidade incontornável..... tanto na horizontal, em relação à extensão geográfica do país e aos diferentes grupos humanos que lhe habitam o território, como na vertical, em relação aos comportamentos dos vários extractos da sua composição social..... e a partir desse potencial de diversidade cultural, ocorre-me poder afirmar, é que muitas populações angolanas inseridas no interior do país e não só, terão em grande medida conseguido garantir a sua viabilidade vital e social ao longo das últimas décadas..... tentando começar por reportar-me a domínios de regulação e controlo social para não perder de vista o contexto a que esta informação se destina, sabemos de que forma, mesmo sem que fosse preciso vir alguém de fora para dizer como é que havia de ser feito, certas populações angolanas, perante o vazio administrativo e a crise institucional geral que se instalou depois da independência,

foram capazes de encontrar na recuperação de sistemas de regulação e controlo endógenos uma saída para garantir à sua vida comum a cobertura de alguma soberania cívica..... nos quintais das sedes de muitos postos administrativos encerrados ou em ombalas de reabilitados reis locais, foram restabelecidos tribunais de formato antigo, arcaico, 'tradicional', ou então novo, para resolver questões que o dia-a-dia não ia evidentemente deixando de levantar na conjuntura adventícia desses tempos bizarros, sem poder central presente..... foram constituídos conselhos de kison-gos, notáveis e dignitários..... realizei filmes nessa altura, na Huíla e no Jau, que dão testemunho disso..... para cada sessão eram convocados, além das partes litigiosas e dos seus porta-vozes, conselheiros, adivinhadores, kimbandas e catequistas..... os quais, para além desse serviço, também davam uma mão nos postos de saúde desactivados e nas escolas².....

..... tribunais informais dessa ordem e mais ou menos fiéis a modelos pré-coloniais ou mais ou menos alterados pela incidência da ocidentalização, nunca terão aliás deixado de funcionar, até hoje, em muitas paragens dessa Angola mais oculta..... em lugares remotos e escondidos da Angola pastoril dos meus resguardados e discretos terrenos, de há muito e até hoje venho participando, não só como observador admitido mas às vezes até como actor, testemunha ou conselheiro ou mesmo proponente, em tribunais desses que servem a populações com questões de agravo social,

² ... e quando mais tarde, na Televisão, em Luanda, veio do Partido uma comissão ao mais alto nível para visionar esses filmes e decidir se podiam participar num festival internacional, houve hesitações porque num deles havia um catequista que praticava a técnica errada de pegar na mão de alguém para ensinar-lhe a escrever..... que ele estivesse a manter o funcionamento de uma escola na ausência de professor não contava, contava sim que pudesse vir dar uma imagem má das nossas técnicas de ensino.....

às vezes sérias, a fermentar e a manifestar-se no seu seio, mas que sabem muito bem ser preferível tentar resolvê-las assim, a nível grupal e local, do que transportá-las até às instâncias da administração central municipal, onde tem prisão e intervêm polícias que, segundo consta por ali, recorrem por vezes a procedimentos muito seus.....

..... mas eu não sou nem antropólogo especializado em questões jurídicas, nem jurista, nem juiz de espécie alguma ou seja de quem ou daquilo que for, nem político, nem ideólogo..... e pode ser talvez até entendido que este tipo de exercício do controlo social possa colidir com programas democráticos..... nem sequer saberei o que poderá agredir mais certos programas políticos garantidos por certas legitimidades democráticas..... se esses tribunais informais ou certos procedimentos imputados aos polícias.....

..... mas sei, no entanto e em perfeita consciência, que fiz esses filmes com a intenção explícita de contribuir para dar Angola, em toda a sua diversidade e complexidade, a conhecer aos angolanos cidadãos comuns e aos então recentemente investidos governantes desses mesmos cidadãos..... e trabalhei de antropólogo para penetrar nessa complexidade e extrair daí e revelar não apenas uma colorida diversidade exterior, de feições corporais, com adornos ou sem eles, expressões folclóricas e artesanais, etc., mas também a dos seus sistemas produtivos, de troca, de relação com o meio, de representação e de interpretação do mundo, de códigos de comportamento e de relação e de saberes, os que são ditos e os que são tão só vividos, as sentenças mas também as práticas, as maneiras exibidas e brandidas mas também aquelas de que os próprios sujeitos não se dão conta, nem referem, apenas porque fazem parte

de uma normalidade, de uma rotina ou quotidianidade nunca sequer interpeladas por não haver necessidade disso, e é ao especialista exterior que acaba por acontecer e caber, competir, fazê-lo³.....

³ toda a vida me preocupei com isso e acho que fui conseguindo actuar em conformidade, disponibilizando aquilo que apurava a quem dispusesse de poder para poder utilizá-lo a favor do interesse comum não creio que nem os filmes que fiz nem os resultados que publiquei tenham de alguma forma influído fosse no que quer que fosse..... quando por exemplo chegou a altura de resolver problemas de razia e contra razia entre grupos pastores vizinhos, à margem da guerra e já depois de ter escrito e publicado em Luanda um livro chamado, e muito a propósito, *Aviso à Navegação: olhar sucinto e preliminar sobre pastores Kuvale da província do Namibe com relance sobre outras sociedades agropastoris do sudoeste de Angola*. – em que assuntos dessa natureza são amplamente referidos e analisados –, foi feito exactamente aquilo que a força do colono fazia antes e teria feito hoje de novo: foram armados uns contra outros..... mas eu não vou, evidentemente e para além do que me possa parecer indispensável com vista a ilustrar aquilo que terei para dizer, deter-me no meu caso pessoal nem no de ninguém que possa padecer de tais desgostos a ponto de a única maneira de continuar a conseguir agarrar ainda algum ânimo para encarar Angola como objecto de análise social ou política ser encará-la inscrita numa dimensão regional, mesmo continental, quiçá planetária, com problemas equivalentes aos do resto do mundo e apenas revelando expressões localizadas deles..... acho apenas que só teríamos toda a vantagem em tentar encarar de uma vez por todas as coisas como elas são.....

..... por outro lado talvez não deixe de ser oportuno acrescentar aqui, à margem, mais uma nota: da mesma forma que a política não se faz de ideias mas de acções, também as ideias, por si só, ou os resultados das análises, não podem contar apenas com o seu valor intrínseco, ou oportunidade ou pertinência, para se verem introduzidos nos terrenos da decisão e da acção políticas..... a maneira mais imediata e eficaz de neutralizar uma análise, sendo ela incómoda ou inoportuna para o exercício de certas políticas ou ausência delas, e não tendo por detrás delas senão a voz do autor, é ignorá-la..... ignorá-la neutraliza simultaneamente a análise e o autor..... não serão as tuas ideias ou as tuas propostas, por mais adequadas que te pareçam para intervir, mas o teu lugar na grelha do poder, dos poderes, que pode assegurar a tua intervenção..... o autor pode entender então que se quer ainda assim intervir mesmo, se quer que aquilo que faz venha de alguma forma ou em qualquer tempo a participar, ainda que indirectamente, nos destinos do seu país, melhor será optar por expor os seus resultados, ou constatações, ou conclusões, ou ideias, ou propostas mesmo, através de outro suporte expositivo que não o da exposição da análise..... nas dobras de uma certa ficção, por exemplo, que alguém algum dia acabará, quem sabe, por ler

3. PELO QUE QUANTO À QUESTÃO...

..... agora isso de a diversidade cultural contribuir para a diversidade da democracia, ou para a composição e (re) criação permanente da identidade angolana, como factor amplificador da diversidade democrática..... à diversidade cultural, não basta que ela se revele como dado incontornável e haja quem o afirme, assinale e analise..... é preciso que o poder, os poderes, quem legisla, decide, programa, manda, implementa, a admitam, se disponham a admiti-la e a encará-la, e saibam ou queiram aprender a lidar com ela e com os diversos aspectos que ela exprime e impõe.... não só a diversidade folclórica, ou mesmo histórica, mas sobretudo essa 'diferença' que bate mais fundo, que pulsa profundo..... seria preciso deixá-la, a essa diferença, intervir na definição das dinâmicas vitais, económicas, produtivas, jurídicas, demográficas e governativas postas em curso pelo governo, pelas instituições, pelos ministérios e pelas faculdades também..... seria igualmente preciso convocar o conhecimento sobre a diversidade, quer para entender e reconhecer os contornos da sua substância, quer para colher informações e pareceres sobre as substantividades das suas manifestações..... seria necessário não nos satisfazermos com os termos da exclusiva atenção que ao ministério da cultura é suposto prestar-lhe, com os seus espectáculos, os seus folclores, a sua história, os seus simpósios e congressos, com os seus assuntos religiosos.....

..... cultura, entre nós, e a diversidade no seu conteúdo, tende a ser muito confundida quer com lazer, distração, espectáculo, expressões a maioria delas corporais, ou reconstituição ou elaboração de passados..... ou com exótico e não apenas aos olhos do ocidental, talvez mais sobretudo aos do poder institucional, portanto aos de uma cultura que

é produto da ocidentalização que dá acesso aos patamares do mando central.....

..... seria pois necessário que o lugar consignado à diversidade excedesse o que aparentemente lhe é conferido pela vigente, nossa, democracia..... democracia, entenda-se bem.....

4. DA DEMOCRACIA, MODALIDADES

... mas que modalidade porém, que receita de democracia é essa que dá cobertura à possibilidade de que, na África inteira e não só, lógicas herdadas da dominação colonial primeiro, e depois também das lutas clandestinas e armadas de movimentos de libertação, e equívocos inquestionáveis instaurados por partidos únicos que se confundiram com o aparelho de Estado, se perpetuem agora e ainda, com o que isso implica de compromissos, alianças, apoios e coberturas, e a coberto de eleições que asseguram vitórias obrigatórias e inquestionáveis ?.....

.... que receita é essa que entre muitos de nós, africanos e não só, vigora de democracia?..... já não é suposto que democracia tenha a ver com direitos individuais no destino dos homens, etc., interesse comum, contrato social e destino das nações, etc., todo esse arsenal retórico?..... com a sua formulação original, com a sua receita genética?..... então talvez tenhamos necessidade de chegar a acordo sobre aquilo de que estamos a falar, porque entre académicos o conceito de democracia moderna costuma reportar-se sobretudo a uma fórmula política que remete sem apelo às noções de nação, de povo, de cidadania e de vontade e interesse comuns.....

..... se ainda adiantasse ler mais alguma coisa, então mesmo estando longe dos meus livros de consulta, sepultados em doze baús vermelhos numa garagem da antiga Moçâmedes, só me faltaria aqui Tocqueville..... porque matéria de dois pais fundadores das ideias que sustentam essa fase do processo humanista⁴ em que o mundo inteiro agora se vê envolvido sob a batuta do império da finança e da economia de mercado, Jean-Jacques Rousseau e Immanuel Kant, para o caso, encontro na livraria aqui ao lado, nesta porção, nesta margem atlântica do deserto do Namibe⁵.....

..... se não tem nada a ver com isso é uma pena, porque esses dois homens-sábios já põem no seu tempo tudo a claro, assinalam logo onde não vai dar certo, que é quando poderia pretender-se que os princípios que definem os termos de um contrato social garantissem a intervenção de todos os cidadãos do mundo na definição dos destinos da humanidade e das nações.... mesmo dotados de inteligência e força variáveis, todos os homens passariam a ser iguais, a coberto da convenção e do direito.....

.....essa fórmula política, dada a conhecer como democracia moderna, colocaria as soberanias e os governos nas mãos e sob o controlo do povo..... quem viesse a governar, a impor ou a conduzir as maneiras do mundo, não mais poderia sujeitar os outros, seus semelhantes, como se fossem animais ou meros instrumentos para os seus fins, ou pô-los a lutar uns contra os outros, imolando-se entre

⁴peço sempre desculpa por ter de pedir por favor que me ajudem a fazer com que não se confunda humanismo com humanitarismo.....

⁵estou a alinhar estas notas em Swakopmund, na Namíbia, e refiro-me a dois preciosos livrinhos publicados pela Penguin Books na sua colecção *Great Ideas*. Veja-se Rousseau (2004), e Kant (2009).

si..... os poderosos passariam a ter de tratar as pessoas em conformidade com o espírito das leis da liberdade que o próprio povo prescreveria para si mesmo..... não mais haveria ricos ao ponto de poderem comprar pobres que se vissem obrigados a vender-se, de tão pobres.....

5. SERÁ NESSA QUE ESTAMOS?

.....é que o mundo não é assim..... são eles mesmos, os congeminadores da redenção democrática, quem previne acerca disso logo à partida..... os homens é para serem vistos como eles são e não como se poderia pretender que eles fossem, reconhece Kant (2009: 68) já ter sido prevenido... e Rousseau (2004) acrescenta : se assim não fosse tudo correria bem por si mesmo e a política não seria uma arte.....

..... uma das vantagens de pegar às vezes nos clássicos decorre da satisfação de constatar que não te cabe a responsabilidade de ter descoberto nada ou estar a inventar seja o que for..... mesmo nos teus momentos mais críticos apenas constatas e reafirmas, no contexto que é o teu, aquilo que eles mesmos andam a dizer desde sempre..... coisas que assentam como uma luva a situações que todos nós muito bem conhecemos por já andarmos, pela nossa parte, lidando com elas faz um ror de tempo..... e era aqui que eu queria chegar :

... sob um mau governo a igualdade (a libertação) é apenas uma aparência e uma ilusão; serve apenas para manter os pobres na sua wretchedness [miséria] e sustentar os ricos na sua usurpação. As leis, na verdade (mesmo depois da libertação), tornam-se sempre úteis para aqueles que

mais detêm e lesivas para os que não têm nada; pelo que o estado social só será vantajoso quando todos possuírem alguma coisa e ninguém possuir de mais... num estado viciado, em que cada um só pensa na sua posição e perde de vista o interesse comum, uma multiplicidade de crimes acaba por ocorrer a coberto da maior das impunidades e uma vez que certos costumes são estabelecidos e certos preconceitos enraízam, o próprio povo não suporta ver os vícios que integrou posto em causa... é como um doente estúpido e pusilânime que treme à vista de um médico... (Rousseau, 2004)

... nada é mais perigoso nos negócios públicos do que a influência que exercem neles os interesses privados... o luxo e a ostentação são efeitos da riqueza privada e tornam os ricos necessários; corrompem tanto os ricos como os pobres e rendem o país à vaidade; desmunem-desunem o estado do papel que cabe aos cidadãos tornando uns escravos de outros e a todos escravos da opinião do mundo... (Rousseau, 2004)

... se os governantes perdem de vista os direitos do povo a que pertencem, toda a interação dos membros da nossa espécie sobre a terra só poderá ser encarada como uma farsa ... (Rousseau, 2004)

.....em sentido restrito nunca houve nenhuma democracia verdadeira, nem nunca haverá..... se houvesse uma nação de deuses, talvez eles conseguissem governar-se democraticamente.... mas um governo tão perfeito não é à medida do homem... (Rousseau, 2004)

..... nem estes brancos estavam evidentemente no século XVIII a falar da Angola de agora nem eu pretendo fazê-lo.....⁶ talvez antes, apenas, as coisas sejam mesmo como elas são..... a condição humana traz consigo os instrumentos de subversão de qualquer contrato social, programa de intenções ou retórica política..... neste mundo o mais bizarro comporta o mais elementar e o mais elementar o mais complexo (e por vezes abjecto) ... e não é só em Angola, não é só em África que é assim, será no mundo inteiro

6. E AINDA POR CIMA ...

.....não deixemos entretanto escapar-nos que estamos a tentar conversar sobre diversidade cultural, ou identitária, se quisermos ou preferirmos..... é que alguma coisa talvez se articule com particulares dificuldades entre esse modelo de democracia proposto e imposto desde há mais de duzentos anos como solução, panaceia universal, e o presente e o futuro imediato de algumas regiões do mundo..... o que a África, e logo Angola, se quisermos olhar as coisas bem de frente, pode ter de particular e mais difícil de encarar nestes domínios e contextos das identidades grupais, referir-se-á obrigatoriamente, entre analistas responsáveis, não só à questão dessa diversidade mas também à questão da própria nação.....

⁶ a África do Sul, por exemplo, está neste momento a enfrentar situações fatalmente comuns a todos os poderes que têm de transitar da luta de libertação para o executivo, e sabe-se bem de que forma em África estas situações assumem uma dimensão superlativa... entre elas a de as instâncias políticas terem tendência, muitas vezes fruto de não haver outra alternativa, para preencher os cargos que implicam exercício de poder com quadros cuja nomeação e manutenção em exercício depende menos das competências e das qualificações do que da lealdade ou fidelidade que os nomeados garantam aos líderes e aos partidos, matéria sobre a qual nós teremos já uma grande e prolongada experiência.... mas será já o tempo, entre nós, de abordar questões que tais?... qualquer formação política nas nossas condições, que são praticamente as de toda a África e mais mundo à volta, cairia inevitavelmente no mesmo.....

..... por nação costuma entender-se, também entre quem tem de ter em conta que certas palavras valem ou não valem conforme se têm ou não em conta os conceitos que elas exprimem, que essa noção de nação configura e constitui um 'povo' referido a um território..... uma nação, tal como um Estado, corresponderá a uma 'pessoa moral' que advém da união dos cidadãos seus membros, implicados uns com os outros na decorrência de causas de origem e prática corrente ou de convenção e obediência às mesmas leis..... e uma nação só se revela em toda a sua dimensão, e corresponde ao que se espera dela, quando essa união de cidadãos se sente efectivamente movida por um querer e por interesses comuns..... se fosse só um conjunto de pessoas sob a mesma autoridade seria bem mais fácil.....

..... os velhos sábios dizem mesmo (como conseguir não insistir no que já terá sido mais do que dito?) que o que traduz a verdadeira constituição de um Estado, aquilo que sustém uma nação no espírito das suas instituições e lhe assegura autoridade, é a fé e a confiança num querer comum.....

..... ora todos certamente já teremos dado conta de que Angola é, geograficamente, um quadrado, grosso modo, com a fronteira traçada à régua aonde não acompanha rio... excepto no entanto em relação a dois outros quadrados menores mas da mesma ordem... um é, a norte, uma reentrância que traz a actual República Democrática do Congo por aí abaixo... outro é o saliente de Kazombo, a leste, que introduz uma tira de Angola pela África central adentro... a si, já lhe ocorreu perguntar por quê?... se tal vier a interessar-lhe verdadeiramente vai ver que daria até para escrever um romance à volta do drama que isso constituiu na vida do explorador português Henrique de Carvalho..... para já tente entender, só, porque é que 'deve' esperar-se que um compatriota nosso, angolano

falante de língua kikongo em ==> , 'deva' torcer por Angola, e o seu primo em ==>, a ==> quilómetros de distância, pela RDC, quando houver jogos para competição de futebol a nível continental.... ou por Angola, pela RDC ou pela Zâmbia, três primos-como-irmãos (quer dizer, sendo a mesma, a barriga mãe das três barrigas de onde eles saíram) falantes da língua dos povos de lá, que vivem um em ==> , outro em ==> e o outro em ==>, a não mais de ==>quilómetros uns dos outros, conforme estiverem a viver em território de cada um dos três Estados-nação africanos modernos que aí se confinam, produzidos todos tanto geográfica como politicamente pela partilha colonial e à medida de fronteiras administrativas inteiramente arbitrárias, alheias às cargas e às substâncias demográficas dos territórios em questão e de acordo com o figurino de Estado-nação que o século XVIII europeu inventou e para servir nas condições da Europa.....

..... pelo que, se queremos mesmo ver se ajudamos a dar um jeito aos problemas que estamos com eles, talvez não percamos nada também em não perder de vista nem escamotear que as nações que em muitas partes do mundo correspondem às configurações territoriais de muitos países de hoje são por sua vez configurações putativas recentes que decorrem de uma herança colonial igualmente recente.....

..... a qual herança, sem deixar de continuar a ser tida como conquista nossa, nos ocorreu no quadro de uma contemporaneidade em que a Europa, as antigas potências coloniais, tratam de tentar desembaraçar-se do figurino de Estado-Nação que nos legaram, e visam estruturar-se segundo poderes regionais e locais, não exacta e exclusivamente nacionais..... e o qual figurino poderá também, com o decorrer dos tempos, deixar de ser adequado e pertinente entre nós..... mas por enquanto a estrita figura da nação

faz-nos falta, precisamos dela, é mesmo condição para podermos participar no tal concerto das nações..... e também talvez não percamos nada em reconhecer que saltámos de pés juntos para a cratera dos nacionalismos libertadores, mas sem nação prévia sedimentada

..... efeito imediato dessa partilha transmitida como herança: a África inteira pulula de refugiados e os Estados ou lidam mal e às vezes fraudulentamente com isso, ou se alheiam, ao mesmo tempo que se revelam impotentes e incapazes de impedir, sustentar ou controlar os seus desarranjos 'étnicos'e acresce, ainda por cima, que os nossos territórios são vastos.... tentando ver as coisas a partir do ângulo de quem habita nos confins deles, como estranhar que cidadãos compatriotas nossos que aí vivem possam sentir-se tão longe da capital da nação, onde opera um governo central que lhes é distante e vago, como do resto do mundo?..... e qual é a parte que lhes cabe nesse património que lhes é referido como comum e nacional?.....

.....mais grave até, e para tornar as coisas ainda mais complicadas, as nações que nos dizem pessoal e identitariamente respeito comportam muitas delas, no seio da sua substância demográfica, indivíduos, grupos, sociedades, populações ditas 'indígenas', 'arcaicas', 'atrasadas' o que aliás pode até muito íntima mas nem sempre tão discretamente como seria para desejar, envergonhar alguns dos nossos governantes.... sei muito bem do que estou a falar....

..... as libertações, as independências nacionais, não devolvem nem poderiam devolver o poder nem às sociedades, nem às nações, nem às configurações políticas pré-coloniais.....a esses, a história passou-lhes necessariamente por cima..... já não existem.....

..... antes colocam num dispositivo de poder de matriz ocidental, num aparelho de Estado configurado pelo processo da colonização e o mais possível à imagem do da metrópole que o instaurou, elites nacionais produzidas directa ou indirectamente também por esse mesmo processo, e às vezes preparadas de propósito para intervir nele em chegando o momento azado⁷..... a libertação acaba assim por corresponder a uma substituição de protagonistas no quadro das estruturas políticas, das instituições e dos dispositivos de controlo e governo, produzidas, criadas, instauradas, impostas, pela ocidentalização do mundo de que a colonização terá sido apenas uma expressão obrigada a ceder agora o lugar a outras, que continuam operando no sentido de um programa de mudanças fundamentado no modelo humanista ocidental ainda e sempre em expansão..... é capaz de ser pouco prudente, ortodoxa e politicamente correcta, uma formulação destas..... mas é também capaz de não ser menos verdade..... pelo que em meu entender fará parte também daquilo que é melhor encarar, em vez de passar-lhe ao lado..... mas reconheço que talvez só possa ser de facto enunciável por quem não tenha mesmo nada a perder.....⁸

.....ela é assim instalada, a chamada democracia, imposta, exercida, aferida, segundo a sua feição ocidental moderna que não prevê nas suas malhas nem escravos

⁷terá sido grosso modo o caso dos impérios inglês e francês, em que colonizados escolhidos foram mandados formar-se de propósito para isso.....

⁸ terá chegado o tempo, para alguns de nós, de acharmos que é a altura de dizer muito do que sempre soubemos sem temer com isso vir perturbar ainda mais o medíocre e viciado, mas mesmo assim o único possível, embora sofrível, remedeio da coisa ?..... para além de achar logo à partida que temos entre nós algumas questões domésticas a resolver, que fornecer detalhes delas aos 'outros', ao exterior, só pode servir para que as utilizem ainda mais contra 'nós', os angolanos de uma maneira geral, continuo, a esse respeito, a trabalhar numa teoria geral do silêncio da qual já divulguei alguma coisa num livro publicado recentemente (Carvalho, 2009).

nem indígenas..... e tem uma inultrapassável dificuldade, vê-se mesmo perante uma incapacidade e impossibilidade formais, em lidar com – em acolher no seu quadro – as formações grupais, as sociedades menos ocidentalizadas que outras culturas e outras matrizes de articulação social continuam a contemplar ou a implicar..... quem representa quem, nos areópagos que configuram a chamada prática democrática?.....quem representa esses grupos ‘indígenas’ com os quais nunca poder central nenhum, colonial ou actual, soube muito bem lidar?.... como garantir que ‘eles’ próprios participem também na definição ou no alinhamento do seu próprio destino?.....⁹

.... e no entanto, à luz das magnas cartas, são tão cidadãos como quaisquer outros.... tanto assim que é ver, em chegando a altura, como são também instados, pelas instâncias locais, para votar nas formações partidárias de que elas se constituem implícitas extensões nos terrenos remotos das franjas demográficas nacionais.....

7. LUGAR DA DIVERSIDADE NOS FUTUROS NACIONAIS

.....uma diversidade tão diferenciada como a nossa agora é, com ‘indígenas’, ‘atrasados’, e tudo, isso vai deixar de haver a breve trecho.... mais uma geração ou duas, no máximo..... a história está a caminho do mestiço universal,

⁹ não serão certamente aqueles que saídos do seu seio são chamados a participar precisamente porque são indivíduos ocidentalizados já..... já ouvi alguém dizer:andam a reclamar, lá pela oposição, por liberdade de expressão, que lhes deixem falar?..... a nós o que nos importaria é fossem criadas condições para a gente poder fazer pela nossa vida à vontade.....

..... ver também por exemplo, Carvalho, 1989, 1995.

tanto genética como culturalmente..... é esse o sinal do sentido da espécie..... se ela conseguiu expandir-se, dispensar-se e redistribuir-se à velocidade da marcha bípede dos seus sujeitos, quanto mais à da Web de hoje à de sei lá de quê no amanhã..... mas isso ainda leva algum tempo, se entretanto não sobrevier algum desastre cataclísmico..... antes disso, entretanto

.....tudo acontece muito rápido, por vezes..... a queda do muro de Berlim e do *apartheid*, quase em simultâneo, terão surpreendido muita gente..... irão manter-se reféns, os recentes Estados-nação actuais, das fronteiras que o tratado de Berlim consignou no século XIX?..... o tempo efectivo do imperialismo colonial foi afinal um lapso breve na história dos nossos povos accionado por um processo, por uma continuidade, exterior e paralelo a outros processos, a outras dinâmicas e a outras continuidades também presentes ao tempo e ainda hoje em curso..... a expansão banta sobre o continente, por exemplo, terá começado há mais de dois mil anos, atravessou o período colonial, e ainda não terá acabado.....

..... são as situações, não as ideias, que accionam as mudanças..... é claro as elites actuais, os dirigentes *sur place*, serão adeptos, muito provavelmente, da manutenção das fronteiras administrativas decorrentes da partilha colonial..... também essas elites são produto do mesmo processo..... e quando ainda assim permanecem ligadas às razões de alguma 'etnia' ou outro grupo, é sobretudo, e pela razão lógica das coisas, àquelas ou àqueles que o período colonial guindou a uma posição de hegemonia ou vantagem em relação a outras.....

..... mas também as fronteiras e as novas configurações administrativas que eventualmente possam vir a acontecer no futuro é de crer que não advenham prioritariamente de memórias de 'etnias' mas sim de dinâmicas, muito provavelmente de forte componente económica, e outras vitais de relação, que se desenvolvam no presente e no futuro imediato em curso ou em devir..... determinarão a emergência e o curso de outros processos e impor-se-ão na decorrência do que estiver para vir, do que vier a ocorrer daqui até lá, e não obrigatoriamente do que possa ter ocorrido no passado..... e a que passado nos referiríamos?..... cada passado terá sido, no seu tempo, um fugaz presente..... daí também que queiramos perpetuar este de agora ou um passado recente que o pacto colonial tenha transportado até nós, porque ainda estamos imediatamente ligados a ele

.....entretanto, e por enquanto, a nação tal como ela hoje se oferece a ver e a viver vai-se sedimentando..... vários factores concorrem para isso: é assim que também convém à conjuntura internacional e ao governo do mundo..... e as últimas três décadas e meia envolveram de facto todas as populações do território de Angola nessa poderosa referência de implicação comum que foi a guerra, participando todos nela ou sentindo-lhe os efeitos de uma maneira ou de outra..... outras nações se forjaram com guerras só o futuro, por outro lado, poderá trazer esclarecimento, facultar leitura ou decifração, sobre a que poderá efectivamente entender-se que correspondem os resultados das últimas eleições..... se foi a nação à procura de alguma unanimidade que a fundamente, voto útil, pragmático, nacionalista, à procura de uma hipótese de nação..... se foi antes do mais um querer conjunto, estamos salvos..... agora se foi mais uma daquelas eleições que perpetuam poderes e instauram dinastias.....

.....*the law of majority-voting itself rests on an agreement, and implies that there has been on at least one occasion unanimity*, voltam a dizer os sábios (Rousseau, 2004) a unanimidade como acto fundador..... uma delegação do querer, do tal querer comum..... talvez possa significar alguma coisa que aponte para aí, sem necessariamente exprimir aquilo que quem ganhou terá ficado a pensar, ou desejaria que significasse, apesar de continuar a constituir um cheque em branco..... assim não o delapidem..... diz do presente, não diz ainda da feição de um qualquer futuro que traga finalmente, ou consiga instaurar, alguma estabilidade fecunda, capaz de engravidar a história..... podemos também é estar assim transitando alegremente, passiva e fatalisticamente mas com a consciência o mais tranquila possível e como se fosse a coisa mais natural do mundo, do tempo das confusões étnicas para o das confusões xenófobas..... da era de questões ‘tribais’ a uma das da xenofobia..... já temos agora esse problema das migrações transnacionais a norte, a leste e a sul, e iremos tendo outros.....

.....e temos questões que vamos ter mesmo de encarar porque acabou o tempo que foi o da guerra e chegou agora o tempo que é o de resolver essas questões..... muitas certamente em relação aos sistemas regulador e de controlo, correspondentes à substância do jurídico..... há questões aterradoras a enfrentar, ligadas a práticas parareligiosas e a cultos, ‘feitiçarias’, digamos, nomeadamente..... e outras ligadas a tudo quanto é vida civil..... como fui regente agrícola e antropólogo, o que me vem mais imediatamente à ideia são questões do tipo da do comércio rural, certamente também porque observei e escrevi muito à volta da resposta dada durante as décadas da demolição ao vazio da rede comercial tanto por parte de grupos cujos sistemas de produção

pré-colonial tinham sido anteriormente menos afectados pela colonização como também por grupos que o processo já tinha plenamente integrado na economia de mercado..... manutenção, recuperação ou invenção de sistemas de articulação de trocas económicas sem articulação a um sistema central de mercado, e instauração de circuitos de mercado informal e paralelo..... (Carvalho, 1989; 1999)

..... problemas, daqueles que tocam mais à minha profissão, que o Estado está agora com eles : justiça privada, movimentos migratórios, comércio rural..... excedentes demográficos..... havendo paz, vão necessariamente acentuar-se excedentes demográficos em zonas do país, urbanas, bem entendido, a subsistir-se às do passado, do planalto central, que o tráfico, as caravanas, o contrato e as guerras foram aproveitando e compensando pela história fora e até há pouco tempo.....e também e ainda problemas ligados às tais 'indigenidades'.....

.....ora a mim custa-me a crer, e dói-me constatar, que contando o país entre os problemas mais graves que tem para resolver questões como essas que mexem com aspectos da vida das pessoas, dos cidadãos, da nação, da razão de ser do Estado e de quem governa o Estado, como a religião e a relação das pessoas entre si mesmas e com o território, com o meio produtivo e habitacional, problemas de cultura, de maneira de estar no mundo, de viabilidade social e orgânica, de maneiras de estar na vida.....custa-me a crer e a constatar que os ministérios todos ligados à produção, à educação, à saúde, à administração do território, etc., não façam apelo à participação de uma antropologia social que não se ocupe apenas das sobrevivências culturais para as cristalizar em folclore e em rentabilidades turístico-folclóricas, mas antes sim que

facilite a percepção, a interpretação e a análise de dinâmicas em curso, algumas delas a serem inventadas neste preciso momento pela criatividade, pela inventividade populares, como já tão exemplarmente aconteceu durante as décadas da demolição e é próprio da espécie, e possa apoiar a planificação, a implementação e a aferição de programas.....

..... é que tudo, ou quase tudo, ou a interpretação de quase tudo que se refere às maneiras e às políticas dos homens, se pode revelar ao alcance de uma disciplina analítica tão comumente tida como vagante, filosófica, pecaminosamente poética¹⁰, mas afinal tão pragmática e surpreendentemente inteligível por um senso comum que não tenha deixado viciar-se pelas lógicas da razão de certos precipitados tempos..... uma disciplina afinada para descortinar relações subtis, evidências que os comportamentos e as expressões lhe revelam e no entanto se escusam às contas e às medições sociológicas que não apreendem certas razões, motivações, vontades, pulsões, aspirações, que habitam no querer que acciona o melhor e o pior das pessoas, dos grupos, das nações e do mundo.....

.....os políticos olham naturalmente mais para jusante, para os efeitos, e é isso que se lhes pede..... os analistas sociais aprendem a olhar para montante, para as causas, as conjunções, as implicações e os resultados, e é isso que se lhes deveria pedir.....

.....custa a entender que faculdades como as de direito, de medicina, da economia, das ciências agrárias, etc., não

¹⁰ mesmo num país onde se imputa a qualidade de ‘poeta maior’ ao fundador da nação, a condição de poeta não é das que inspiram maior credibilidade nos terrenos da vida ‘real’ já ouvi muitas vezes dizer a quem abana a cabeça com um ar de comisseração, e carinho até, perante as minhas argumentações: ...esse doutor é poeta.....

se impliquem com saberes endógenos que são os que regulam e garantem a vida de sociedades em pleno exercício e mantêm actuates e pertinentes práticas e procedimentos que souberam regular e garantir a vida da espécie durante milhares anos, enquanto no mundo, ao mesmo tempo, decorre uma agitação geral por ter-se banalizado, a ponto de assumir agora contornos muito ridículos por vezes, a percepção de uma precipitação tecnológica que agrava o aquecimento global e pode precipitar um desastre, e põe em causa cada vez com mais insistência, e com base em mais e maiores evidências, o sistema de progresso e de domínio da natureza em que a ocidentalidade pôs tanta fé e tanto empenho redencionista¹¹.....

..... custa a crer que não ocorre mesmo a ninguém que a procura de saída para uma situação mundial que cada vez mais se revela insustentável a cada vez mais gente, possa passar também por convocar, recuperar, introduzir, integrar, maneiras de lidar com a viabilidade humana, quer dizer, com o mundo e com a vida, que ou estão nos livros ou estão talvez ainda patentes nas práticas de compatriotas nossos..... olha que pode ser um património valioso..... mais valioso até do que a instrumentalização comercial e política, ou político-cultural, ou político-turística, da diferença, da diversidade cultural..... a minha proposta é simples : inventariação, recolha ou recuperação, em todo o mundo, de saberes endógenos, 'indígenas, de 'atrasados', integráveis num futuro diferente e a favor dele.....

¹¹remedios como o do desenvolvimento sustentável, durável? também, como não?mas não será por aí..... não vai chegar... tanto assim que no mundo de consumo superlativo já está a ser objecto de fraude: falsa publicidade – *green* – sobre produtos de uso corrente, inclusive alimentar....

8. PELO QUE...

..... pelo que para que sim, para que a diversidade etc., seria talvez preciso que passasse a ser de outra maneira.....assim sendo, o que seria então, em meu entender, necessário?que o programa político deixasse de ser o de uma ocidentalização precipitada sem ter em conta que o último quartel do século XX conduziu a um século XXI em que a via dominante passou a ser abertamente posta em causa como rumo para o devir da humanidade..... que os ministérios e as faculdades, as próprias mais altas magistraturas do país, a própria soberania nacional, estivessem dispostos a achar – já que tanto evocamos às vezes as nossas ‘raízes africanas’ – que talvez pudessem ter alguma coisa a adoptar de regimes sociais, económicos, produtivos, e até mesmo políticos, pré-coloniais..... sem conceder ir por agora mais longe, a aposta que congeminou seria a de nos interrogarmos se não daria para aproveitar nada.... para poder conjecturar que alguma coisa de efectivamente novo, saída dos nossos passados cilindrados pela colonização e pelo decorrer da ocidentalização, pudesse revelar-se na linha do horizonte político de Angola e desse mesmo para exportar para o Mundo.....

.....quer dizer, eu cá por mim acho que só passando a uma grande perturbação paradigmática¹²digamos mesmo por uma verdadeira revolução¹³, como certamente acabarei por vir a expor noutra ocasião qualquer.....já que gozo do privilégio e da liberdade de não ter de mandar nada,

¹² ver comunicação Gulbenkian (2008) ==>.....

¹³ não basta uma oposição que o que a move sobretudo é achar que o poder, sem questionar a sua forma e o seu fundo, está em más mãos e estaria melhor na de outros protagonistas, que seriam exactamente quem a protagoniza agora, a essa oposição

nem podia, nem queria, nem descortino outra maneira de intervir, o que me resta é escrever¹⁴

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carvalho, Ruy Duarte de (1989), *Ana a manda: os filhos da rede: Identidade colectiva, criatividade social e produção da diferença cultural, um caso muxiluanda*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

Carvalho, Ruy Duarte de (1995), "Paix et guerre chez les pasteurs kuvale: Lettre de Vitivi", *Politique Africaine*, 57: 85-93.

Carvalho, Ruy Duarte de (1997), *Aviso à Navegação: olhar sucinto e preliminar sobre pastores Kuvale da província do Namibe com relance sobre outras sociedades agropastoris do sudoeste de Angola*. Luanda: INALD.

Carvalho, Ruy Duarte de (1999), *Vou lá visitar pastores*. Rio de Janeiro: Gryphus.

Carvalho, Ruy Duarte de (2003), *Actas da Maianga*. Lisboa: Edições Cotovia.

Carvalho, Ruy Duarte de (2008), *E quanto ao 'outro' que ainda existe no meio do 'outro', antes que haja só o outro?* Conferência feita na Gulbenkian, no âmbito do Colóquio, *Podemos viver sem o outro? As possibilidades e os limites da interculturalidade*, Lisboa, Outubro de 2008.

¹⁴ como diz o tal Jean-Jacques Rousseau, de quem vou finalmente acabar de ler *O Contrato Social* a seguir : se eu mandasse não gastava o meu tempo dizendo o que devia ser feito; ou fazia ou ficava calado (2004)==>.....

Carvalho, Ruy Duarte de (2009), *A Terceira Metade*. Lisboa: Edições Cotovia.

Kant, Immanuel (2009), *An Answer to the Question: 'What is Enlightenment'*. Londres: Penguin - Great Ideias Paperback.

Rousseau, Jean-Jacques (2004), *The Social Contract*. Londres: Penguin - Great Ideias Paperback.



VI

A ARTE COMO FORMA DE INTERVENÇÃO SOCIAL CONTEMPORÂNEA

Ruy Duarte de Carvalho





A ARTE COMO FORMA DE INTERVENÇÃO SOCIAL CONTEMPORÂNEA¹.

Ruy Duarte de Carvalho

Palestra na Associação Cultural Chá de Caxinde

Luanda, 9 de Março de 2010

Composição da Mesa: Justino Pinto de Andrade (moderador), José Sousa Machado (apresentador do tema e do prelector), Ruy Duarte de Carvalho (prelector)

José Sousa Machado:

Boa tarde a todos.

O Nuno Vidal pediu-me para, na qualidade de homem da cultura e admirador da obra do Ruy Duarte de Carvalho, apresentar sucintamente o autor e a sua obra, enquadrando-os no contexto do tema desta conferência que versa justamente sobre a Arte como forma de intervenção nas sociedades contemporâneas.

Ou seja, qual é, então, neste caso específico, a função que compete à arte no mundo contemporâneo, à luz da obra de

¹ Este texto resulta da transcrição e edição da gravação áudio da palestra de Ruy Duarte de Carvalho na Associação Cultural Chá de Caxinde ocorrida a 9 de Março de 2010 em Luanda, no âmbito do projecto de "Pesquisa-Ação: Processos de Democratização e Desenvolvimento em Angola e na África Austral", coordenado por Nuno Vidal e Justino Pinto de Andrade que detêm todos os direitos de publicação sobre este texto e os cedem para publicação nesta obra. A transcrição e edição são da responsabilidade de Nuno Vidal.

Ruy Duarte de Carvalho, e qual é o âmbito de intervenção social que é suposto esperarmos que ela nos proporcione?

Vou ser muito breve na minha abordagem a este tema, deixando para o próprio autor, aqui presente, a explanação detalhada e pessoal sobre o que considera serem as traves mestras que balizam a sua actividade como escritor no que diz respeito às relações que lhe interessa estabelecer entre o seu universo criativo e as demais modalidades de intervenção social.

Genericamente, considero que a criação artística só faz sentido quando amplia o horizonte do nosso conhecimento, trazendo para o plano do que está manifestado tudo aquilo que até então repousava no limbo do silêncio e do ainda não dito. Em última instância, a arte, em cada tempo histórico, actualiza a reflexão, sempre retomada, sobre o destino ontológico do homem, convocando para esse propósito todos os saberes que lhe são coevos.

Por isso, também, considero que em cada tempo histórico não são necessários muitos artistas; apenas aqueles que nos falam do que é essencial e que inauguram uma nova linguagem capaz de descrever a complexidade do espaço e do tempo em que se inscrevem.

Ruy Duarte de Carvalho é, sem sombra para qualquer dúvida, um dos escritores mais originais e completos da língua portuguesa. É um escritor sobre o qual nos é absolutamente impossível discernir onde termina a realidade e começa a ficção, trabalhando a escrita num território que podemos qualificar de “no man’s land”, esbatendo as fronteiras entre os géneros literários tradicionais.

Em minha opinião, um único traço recorrente perpassa toda a obra de Ruy Duarte Carvalho, como romancista,

memorialista, poeta, antropólogo e artista, e esse traço é o fortíssimo cuidado que ele confere à palavra escrita e a minúcia com que arquitecta o horizonte de significados possíveis que cada palavra vai ocupar no contexto do seu discurso. Ele é essencialmente um POETA, em tudo o que escreve a palavra poética é exaltada na sua expressão mais plena, prenhe de intensidades expressivas e de intencionalidades.

Como poeta, pastoreia a palavra com raro zelo, fazendo-a oscilar entre a ilusão de oralidade e o discurso narrativo com uma mestria sem paralelo na língua portuguesa actual.

Comecei a ler Ruy Duarte Carvalho pela sua prosa. O meu primeiro contacto com ele foi através da leitura das “Actas de Maianga”, um livrinho excepcional que me fora oferecido mal aterrei em Luanda pela Elze Costa. Impressionou-me imediatamente a fortíssima carga poética que o texto contém, como se uma arquitectura gongórica, uma espécie de orquestração de sons e significados fizesse as palavras jorrarem em cascata entre a oralidade e a narrativa. Logo aí, nesse texto, qualquer pretensão para fixar fronteiras rígidas entre os géneros literários cai por terra.

Fui depois percorrendo a restante obra de Ruy Duarte Carvalho, detendo-me com especial prazer na sua poesia, oportunamente reunida num único volume intitulado “Lavra”, e na qual a palavra poética é extraída como a própria essência da terra que ele/autor pisa, ou seja, entre a realidade e a palavra dita estabelece-se uma tautologia indissociável.

Eram apenas estas, as poucas palavras introdutórias que vos quero deixar, reservando para o escritor o esclarecimento da relação entre o seu ofício e o tema desta conferência.

Ruy Duarte de Carvalho:

Muito obrigado, muito boa noite, eu tenho muito gosto de estar a falar para vocês. Já noutras ocasiões participei em operações deste projecto como analista e desta vez estou como artista e espanto-me que as pessoas queiram ouvir os artistas falar. Estão aqui amigos meus que já me ouviram contar uma história que eu não resisto em recontar. Quando eu era regente agrícola, no tempo colonial, tive um chefe agrónomo que quando se falava de alguém que tinha ideias menos ortodoxas ele dizia “esse homem é um poeta”, e olhava para mim e dizia “desculpe, desculpe”, e depois dizia “esse homem é um artista”, e depois olhava outra vez para mim e dizia “oh desculpe outra vez, pela indelicadeza”, e depois dizia “esse é um músico”. Portanto, entre poeta, artista e músico, quem é que leva a sério aquilo que eles dizem? Nem é necessário, basta que levem a sério a obra que eles realizam das suas artes.

Contava estar aqui com um compositor e com um artista plástico, mas o facto de estar eu aqui só, escritor, a falar, dispensa-me de tecer algumas considerações sobre as diferenças entre as várias expressões artísticas e também sobre o que é arte e o que não é arte.

Todos nós vamos à escola e aprendemos a arte da escrita, aprendemos a escrever, e todos nós, quer sejamos contabilistas, homens de negócios, analistas, escritores, enfim investigadores, todos nos expressamos através da escrita e há quem escreva bem e há quem escreva mal, mas em todos há esse denominador comum da escrita. Depois há a escrita artística e a escrita que não é artística, a que é demonstrativa, expositiva, argumentativa, como entenderem. Portanto, há que estabelecer essa diferença que eu me dispenso de fazer.

O que eu quero realçar agora é que na história da Angola independente, vamos a caminho dos quarenta anos, não é a primeira vez que sou convocado para este tema e sob vários regimes. Não é espantoso que todos os regimes políticos se preocupem com a intervenção social dos artistas? É! E ocorre sempre e nada muda tanto como nós julgamos quando mudam os regimes políticos, “gente é com gente” diz um provérbio Nhanheca e Bantu de uma maneira geral, e portanto há de ser sempre mais ou menos da mesma maneira.

O facto é que estou hoje aqui a debater o tema do papel que a arte pode ter na intervenção social, quando hoje se faz apelo a uma figura que é a sociedade civil e aqui há trinta anos fazia-se apelo a uma figura que era o povo. O que não mudou é que todos os poderes, tenham em conta o povo ou tenham em conta a sociedade civil, têm necessidade de ter os produtores artísticos mais ou menos sob controlo, essa é que não temos dúvida nenhuma que é uma necessidade que não se alterou, porque senão escapavam ao exercício da política e é melhor que não escapem... o que produz muitas vezes muitos equívocos.

Eu sou absolutamente advogado e militante – se ainda me preservo algum espírito de militância – em relação ao facto de que todos os conhecimentos devem concorrer para ver se damos um jeito ao exercício de estar vivo, ao exercício de viver em sociedade e ao exercício de, enfim, podermos conduzir a vida das pessoas a situações que não sejam tão catastróficas como aquelas que nós vivemos.

Advoguei e tenho material escrito sobre aquilo a que eu chamo de “convocacionismo”, que é convocar todas as ordens do conhecimento no tempo e em todas as áreas.

Continuo a achar que é um prejuízo enorme não se ter em conta as formas políticas dos poderes africanos pré-coloniais, da política tradicional, para serem introduzidas nesta configuração que pretendemos democrática. Acho que o conhecimento que as artes transportam deve concorrer com o conhecimento que as investigações concorrem e que as filosofias concorrem, para ver se encontramos soluções, e a isso fui chamando convocacionismo. Ao recurso ao conhecimento africano pré-colonial eu chamo de neo-animismo e tenho neste momento, não digo uma falange, mas enfim umas correntes de jovens, sobretudo jovens, que estão interessados naquilo que eu proponho a esse respeito, e portanto, estou perfeitamente em consonância com a importância que pode ter a produção artística na condução da sociedade.

De qualquer maneira, o que eu quero aqui dizer é que acho que entre o artista e o público que é o consumidor, existem os instrumentos e as vias de mediação, que quando se falava do povo como referência, era o Estado, e hoje é a sociedade civil, as empresas, o poder económico, o Estado, subsídios e encomendas, e arenas de discussão, que é o caso da Chá de Caxinde que abre o terreno. Portanto, entre o público e o artista, entre o público e a obra de arte – e não há arte sem obra de arte, há as artes de toda a ordem, mas sempre se traduzem em obra – há uma mediação que não depende do artista. A relação do artista com a sociedade depende menos do artista do que dos dispositivos que regulam a sociedade. A intervenção social da arte dependerá sempre menos dos artistas e do público que o consome do que dos poderes que asseguram a distribuição, sejam os poderes económicos, sejam os poderes empresariais, sejam os poderes políticos, sejam quicá os poderes académicos.

A intervenção do poder político e de Estado, por inerência, definição e imperativo de funções, há de ser sempre a de tentar mobilizar toda a disponibilidade e toda a indústria dos cidadãos, económica, funcional, muscular, mental, criativa, de pesquisa e até lúdica e de lazer, para os terrenos daquilo que entende e que propõe o Estado e o poder político como interesses comuns confiados ao seu governo, controlo e vigilância.

O poder económico, quando encomenda coisas aos artistas – e os plásticos vivem sobretudo disso –, tem em conta em que medida esse produto pode entrar, ter lugar, na economia, na cultura e na política do mercado. A sociedade civil, que entretanto passou a constar, passou a ser tida em conta e passou a mobilizar-nos para situações como a que estamos aqui a viver. Os sectores da sociedade civil que se manifestam são normalmente accionados por activistas que têm, de uma maneira geral e quase também sempre por inerência, os seus objectivos políticos exigentes ou tributários das suas próprias estratégias. O que eu quero dizer perfeitamente, para quem quer entender-me, é que os partidos e os grupos, a arte e a cultura, são mais entendidas como veículos e instrumento ideológico-programático e não como terreno de desbravamento do conhecimento e via de invenção e descoberta através das expressões artísticas.

Portanto, em que medida é que o artista é responsável e pode ser entendido como a chave da intervenção da arte na sociedade? A resposta tem de ser relativizada, tal como estou a tentar aqui dizer. Agora pergunto, o artista tem de ser ciente disto tudo? Não, o artista não precisa ser ciente disto tudo, nada obriga a que o artista seja também analista

e vice-versa, o analista também não precisa de ser artista. Eu tenho produzido escritas enquanto analista, tenho escrita argumentativa, expositiva, demonstrativa, tenho produzido escrita artística, tenho feito relatórios, passei a vida inteira a escrever e, vivendo bem ou mal, é da escrita que tenho vivido e da minha pensão enquanto professor da Universidade Agostinho Neto, não é da minha escrita artística, não vivo dos direitos de autor, portanto posso falar com relativo à vontade.

O que se pode e deve pedir ao artista? Não se deve pedir mais ao artista do que o que se pede aos outros sectores da sociedade. O artista só tem talvez de estar ciente, enquanto cidadão, é daquilo que pode fazer dele um artista ou um mero agente cultural ao serviço deste ou daquele poder, desta ou daquela noção de cultura. O serviço do artista é captar, traduzir, produzir aquilo que se situa para além das relações pragmáticas inerentes ao exercício estrito de estar vivo. Ao artista calha-lhe e compete-lhe o desbravamento da potencialidade sensitiva, perceptiva e interpretativa, do imaginário da espécie.

Porque eu pensava que o António Ole estaria aqui ao meu lado, eu ia falar de uma fórmula que eu acho excelente, uma síntese de um artista plástico que é o Paul Klee. Os artistas plásticos que queiram encontrar alguém do ofício que já tenha pensado por eles podem ir ao Paul Klee que encontram lá tudo. O que o Paul Klee diz é que o artista não reproduz o que está à vista, o artista dá a ver, dá a ver não o que está imediatamente à vista do que toda a gente vê, mas o que o dispositivo interior próprio dele, com que a natureza e a sua formação o dotaram, lhe dá a ver a ele, e ali e assim só talvez a ele. O artista não tem nada a demonstrar, não tem nada

a provar, não tem nada a impor, não tem nada a dissertar, só lhe compete é dar a ver o que vê ao resto da sociedade, quicá da humanidade e da espécie inteira.

Artista será sempre aquele que, dada ainda a natureza daquilo que se propõe fazer, encrava quanto à escolha ou à descoberta de um acorde, de uma linha melódica, de uma frase musical, de uma nota sei lá..., de uma tonalidade de cor, de uma complementaridade ou confronto de cores sei lá..., de um adjetivo ou de um advérbio. As insónias causadas por adjetivos ou advérbios são privilégios dos artistas, eu tenho passado por muitas insónias por muitas razões, de amor, etc., mas talvez muito mais por encalhar num adjetivo ou num advérbio que tem que ser o advérbio justo, porque um artista da palavra não pode trabalhar senão a partir da palavra, da mesma maneira que o artista plástico não pode trabalhar senão a partir dos materiais que utiliza.

O artista não resolve questões, nem remata discursos, nem culmina discorrências, questões, antes as inaugura e instala interrogações, ao mesmo tempo que revela evidências e obtém por vezes resultados que escapam a todas as intenções que à partida lhe assistiram ao próprio artista. Não tem artista que não saiba do rendimento que pode tirar ou do aproveitamento que pode dar aos imprevistos e mesmo aos percalços de percurso, que lhe ocorrem pela via do comportamento dos materiais que usa durante o processo de criação; na pintura é comum e na escrita também, e a poesia não se faz às vezes quase que só disso, e os artistas que a praticam pagam quase sempre pelo arrojo um pesado tributo, em literatura não serão pura e simplesmente lidos, a maior parte dos poetas não são lidos, a maior parte dos escritores referem-se aos poetas e ninguém entende o que

os poetas dizem, às vezes nem os próprios poetas, e quando os prosadores tentam traduzir em prosa o que os poetas quiseram dizer, os primeiros a rir-se à gargalhada são os poetas, porque para traduzir aquilo em prosa não valia a pena fazer poesia. Se a poesia adianta ou não adianta...? Eu não sei nada do século XX se não ler o Eliot, eu não sei nada daquilo que testemunho se não ler os grandes poetas do presente.

São questões ligadas ao lugar da espontaneidade na produção artística, são as espontaneidades da criação que tanto assustam os poderes de toda a ordem, incluindo os universitários, os académicos, os escolásticos.

O que tudo porém leva a crer que pode afirmar-se em relação a todos os tempos da idade do homem, e não importa aonde, é que artista enquadrado – caso contrário ainda assim ele continuará a existir na mesma, mas desenquadrado e portanto à margem de uma qualquer ordem – só existe desde que lhe seja garantida à partida o direito à espontaneidade, à interrogação e à dúvida e à aquilo que as estimula, à indecisão, ao bloqueamento e à deriva, aspectos de carácter que dificilmente serão permitidos àqueles que pretendem ou a quem cabe accionar a vida verdadeira das sociedades, quero dizer os agentes de negócios, de intervenções técnicas e jurídicas e de operações e programações políticas e ideológicas, e culturais às vezes. Repararão que é a primeira vez que falo de cultura, não estive a falar de cultura, estive a falar de artes, porque de cultura eu nem quero falar.

Ao artista pede-se-lhe em troca que se exprima através de obra, e se possível de obra capaz de durar e passar a constituir património da humanidade, e é isso que há-de aferir a qualidade e determinar a importância, e não exacta-

mente de golpes de oportunidade, discursos, promessas ou programas, como acontece muito na intervenção social directa, económica, institucional e política e pseudo-literária e pseudo-artística também.

E tenho dito. Muito Obrigado.

Justino Pinto de Andrade:

Agradeço ao Ruy, que me surpreende sempre com intervenções interessantíssimas. Aquando da intervenção do Ruy na nossa conferência em 2004 em que estavam presentes membros de todos os partidos políticos o Ruy foi uma pedrada no charco...

Ruy Duarte de Carvalho:

Ah, ...aí tenho uma observação a dizer, se me deixas..., também, e no meio da intervenção dessa altura, o Justino achou que ninguém estava a entender nada do que eu dizia e disse "o que o mais velho quer dizer é 'vejam se se entendem'" e cá está ele a fazer o mesmo resumo...

Justino Pinto de Andrade:

...ora aí está. Posto isto, resta-me em meu nome pessoal, do Nuno Vidal e do projecto de "Pesquisa-Acção: Processos de Democratização e Desenvolvimento em Angola e na África Austral" que coordenamos, agradecer à Chá de Caxinde por nos ter proporcionado este momento e a presença de todos vocês que aqui estão, presença sempre agradável. Espero que proximamente nos voltemos a encontrar.



NOTA BIOGRÁFICA,
BIBLIOGRAFIA
E FILMOGRAFIA
DE RUY DUARTE
DE CARVALHO





NOTA BIOGRÁFICA,
BIBLIOGRAFIA E FILMOGRAFIA
DE RUY DUARTE DE CARVALHO

Marta Lança

INTRODUÇÃO

A vida inteira viajante, Ruy Duarte de Carvalho cultivava da viagem o arrebatamento e a emoção, atravessando, geruindo. As viagens eram, mais do que inspiradoras, necessárias para a pulsação e temperatura da escrita, pois “só sabemos o que lá vamos buscar e encontrar ao ir”. Ao invés de ir recolher elementos que ilustrem teses e, na pior das hipóteses, fundamentalismos, para o Ruy, a mobilidade a que se predispunha era receptiva ao acontecimento e à alegria da experiência. A viagem era um programa, exigindo uma preparação, abundantes leituras prévias sobre o contexto dos territórios a percorrer, muita observação e uma metodológica escrita de notas durante a viagem, para depois se aventurar nos livros.

A essa procura se dedicou a vida inteira, em livros, filmes, palestras e histórias de contar ao leitor cúmplice: trazer notícia de como se vive do lado de lá. Com essa atitude, o Ruy descreveu os pastores ao mundo e o mundo aos pastores.

Quando, a meio das viagens pelo rio S. Francisco no nordeste brasileiro, para escrever o *Desmedida*, regressa a Luanda, ao contar sobre o Brasil ao lado de cá, faz um longo apanhado da história da expansão ultramarina. A interligação entre Angola e Brasil (e inevitavelmente Portugal) era

aqui a afirmação de que, apesar de passados discerníveis, não dá para compreender um sem o outro.

Existimos todos hoje na decorrência de uma colonização que foi dando sumiço àqueles que de maneira como viviam não tinham maneira de resistir, servimo-nos da mesma língua oficial, invocamos lusofonias de hoje que já foram lusotropicalismos antes, somos todos do hemisfério sul, com a cor geopolítica comum que isso comporta, e temos negócios correntes, estamos vivendo tempos comuns e tempos diversos do mesmo processo universal, global. Nós estamos é juntos no vaivém das balsas.

Nesta busca pelas diferenças e proximidades, e na senda das paisagens literárias, as viagens ganhavam forma de percurso, que nunca esquecia o lugar de onde se vem e se fala.

Ouso avançar a hipótese de uma nova viragem na obra de Ruy Duarte em *Desmedida* e *Terceira Metade*, seus últimos livros publicados. Depois de ter passado quase toda a sua vida em Angola, numa dedicação absoluta ao conhecimento profundo desta terra e suas gentes (dos pescadores kaluandas aos mucubais do sul), o âmbito geográfico das suas pesquisas ampliava-se agora e as reflexões investiam num carácter programático: encarar o processo da expansão ocidental em todas as margens atlânticas e os seus efeitos de incidência colateral. Embora focalizasse com maior incidência as questões angolanas, o Brasil, as Américas, a África do Sul e toda a África ocidental e austral figuravam então com mais pujança. O eixo atlântico era aquele que preenchia a sua experiência, informação e imaginário, “a triangulação própria pessoal, histórica e especulativa, com uma costa de África a servir de tabela a todos os lances de

movimentação e o estimulante insólito de uma improvável ilha de Santa Helena excêntrica e centrada, produto da expansão mas quase alheia à mesma”, haveria de explicar, antes de partir para as derradeiras semanas em Santa Helena, em Julho de 2010.

Andava o Ruy entusiasmado com projectos curiosos quando partiu. Um deles era uma provocadora proposta neo-animista que subentendia a vontade de criar um movimento que fizesse convergir várias procuras, de académicos, artistas e viajantes. Cada um com o seu contributo (inventário de teses, utopias e formas de organização não devedoras desta economia do crescente) situar-se-ia numa linha (do) comum, que combatesse os lugares de eleição e de privilégio para certos homens e grupos de pessoas e questionasse os impasses do paradigma humanista, procurando resistências ao processo de ocidentalização em curso, à ideia homogeneizante, tão antiga como perigosa, do progresso como salvação da humanidade. E foi integrada neste ambicioso (e utópico) projecto de encarar o processo de ocidentalização e suas complicações, que o Ruy se aventurou, em 2009, numa longa travessia pela África do Sul, viagem preparatória para o livro *Paisagens Efémeras* que, embora avançado, ficaria inacabado, e de um filme a haver (pelo seu filho Luhuna Carvalho)¹.

O seu olhar sobre o mundo procurava, metaforicamente, o tal “equilíbrio de um tempo mumuila e de um presente angolano”, entrelaçando tempos e dramas humanos. Tal como o seu cinema, o qual o Ruy aspirava a que fosse “Válido

¹ A respeito do neo-animismo o leitor poderá ainda encontrar um pequeno texto do Ruy Duarte de Carvalho, “Decálogo Neo-Animista”, publicado num blog por ele inspirado, Buala – Cultura Africana Contemporânea, <http://www.buala.org/pt/mukanda/decalogo-neo-animista-ruy-duarte-de-carvalho>

como cinema, útil como referência e fiel como testemunho” (em *A Câmara Escrita e a coisa dita*) os livros não pretendiam preservar um mundo em desaparecimento, cristalizado em nostalgia, como etnográfico e *kitsch*, mas sim, ao invés, tentavam descortinar o que do mundo se transforma e resiste, para lá das conjugações histórias e dos modismos.

Tal como o seu cinema recorria à literatura, os livros adquirem, da linguagem cinematográfica e da experiência da viagem, o aprendizado de saber olhar (e lá estar) para saber descrever. É um ofício que se vai apurando, sem nunca deixar de deixar nas reticências a adivinhação do que falta. É a “formulação cinematográfica da própria ideia”, a ideia a funcionar por imagem, diz o Ruy em *Desmedida*: “nunca estive em nenhum lugar, e em qualquer tempo, mesmo de uma maneira geral na vida, se não como fosse para voltar depois e rodar um filme.” Um certo deslumbramento muito lúcido, e uma consciência política do intervir, fomenta o ânimo de “sair por aí e registrar o espectáculo da vida” para depois nos vir contar.

Ruy Duarte de Carvalho, erudito e poeta nas formulações, figura rara contra a indiferenciação do mundo, lamentava porém (muito discretamente) não ser tão lido, dialogado e traduzido como gostaria. E que os impasses do mundo que passou a vida a tornar evidentes (“dizer de várias maneiras a mesma coisa até que esta se torne simples”, como nos ensinou) não surtisses as reflexões merecidas. Mas tinha fé que isso iria acontecer pois acreditava no seu legado. Entre todos, e cada um à sua maneira, continuemos a obra do Ruy naquilo que nos ficou da sua intensidade, ironia e dignidade. É importante retirar da invisibilidade povos, modos de vida não empacotados, comunidades resistentes,

autores dificilmente lidos, percursos exploratórios e até palavras e expressões, como tão bem fez. Viajar sempre com esta obra que tanto viajou para chegar a nós.

BREVE NOTA BIOGRÁFICA²

Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010)

Participou na luta pela libertação de Angola e é nacional deste país desde que em 1975 passou a haver cidadania angolana. Filho de um aventureiro caçador de elefantes, cresceu no Namibe, no Sul do país. Para além de regente agrícola e de criador de ovelhas, estudou cinema em Londres. Em 1982, obteve com um filme, “Nelisita”, o diploma da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais em Paris, tendo-se doutorado também aí, em 1986, em Antropologia Social e Etnologia, com uma tese sobre a produção da diferença cultural entre os pescadores da costa de Luanda. Leccionou em Luanda, Coimbra, São Paulo, Paris e Berkeley. A sua base foi sempre Angola até se mudar para Swakopmund, Namíbia, em 2008.

² O texto que se segue foi revisto por Ruy Duarte de Carvalho

BIBLIOGRAFIA

Poesia

- 1972 *Chão de Oferta, Luanda, Culturang*,
prémio Motta Veiga de Poesia, Luanda, Angola,
1972
- 1976 *A Decisão da Idade*, Luanda/ Lisboa, UEA/ Sá da
Costa Editora
- 1978 *Exercícios de Crueldade*, Lisboa, “e Etc.”
- 1980 *Sinais Misteriosos... Já se Vê...*, Luanda/ Lisboa,
UEA/ Edições 70, menção honrosa, Exposição
dos Livros Mais Belos do Mundo, Leipzig, 1982
- 1982 *Ondula, Savana Branca*, Luanda/ Lisboa, UEA,
Sá da Costa Editora
- 1987 *Lavra Paralela*, Luanda, UEA
- 1988 *Hábito da Terra*, Luanda, UEA prémio Nacional
de Literatura, 1989
- 1992 *Memória de Tanta Guerra*, Lisboa, Editora Vega
- 1997 *Ordem de Esquecimento*, Lisboa, Quetzal Editores
- 2000 *Lavra Reiterada*, Luanda, Edições Nzila
- 2000 *Observação Directa*, Lisboa, Edições Cotovia
- 2005 *Lavra, poesia reunida 1970-2000*, Lisboa, Edições
Cotovia

Ficção

- 1977 *Como se o Mundo não Tivesse Leste, contos*,
Luanda/ Porto, UEA/ Limiar 2
- 2000 *Os Papéis do Inglês*, Lisboa, Edições Cotovia [São
Paulo, Companhia das Letras, 2006]
- 2005 *As Paisagens Propícias*, Lisboa, Edições Cotovia
- 2009 *A Terceira Metade*, Lisboa, Edições Cotovia

Ensaio, narrativa e crónica

- 1980 *O Camarada e a Câmara, cinema e antropologia para
além do filme etnográfico*, Luanda, INALD
- 1989 *Ana a Manda - os Filhos da Rede*, Lisboa, IICT
- 1997 *A Câmara, a Escrita e a Coisa Dita - Fitas, Textos e
Palestras*, Luanda, INALD
- 1997 *Aviso à Navegação - olhar sucinto e preliminar sobre
os pastores Kuvale....*, Luanda, INALD
- 1999 *Vou lá visitar pastores*, Lisboa, Livros Cotovia
[Rio de Janeiro, Griffó, 2000]
- 2002 *Os Kuvale na História, nas Guerras e nas
Crises*, Luanda, N'Zila
- 2003 *Actas da Maianga*, Lisboa, Livros Cotovia
- 2007 *Desmedida, Luanda – São Paulo – São Francisco e
Volta, Crónicas do Brasil*, Lisboa, Livros Cotovia,
prémio Casino da Póvoa, Póvoa de Varzim, 2008
- 2010 *Desmedida, Luanda – São Paulo – São Francisco e
Volta, Crónicas do Brasil* Rio de Janeiro, Língua
Geral 2010

Filmografia

- 1976 *Uma Festa para Viver*, 40', p/b, 16mm, TPA,
prémio da Solidariedade Afro-Asiática, Taschkent
- *Angola 76, É a Vez da Voz do Povo (série):*
"Sacode o Pó da Batalha", 40', p/b, TPA;
"Está Tudo Sentado no Chão", 40', p/b, 16mm, TPA;
"Como Foi Como Não Foi", 20', p/b, 16mm, TPA,
prémio da Solidariedade Afro-Asiática, Festival
de Moscovo.
- *Faz Lá Coragem, Camarada*, 120', p/b, 16 mm,
TPA
- *O Deserto e os Mucubais*, 20', p/b, 16mm, TPA
- 1979 *Presente Angolano, Tempo Mumuíla (série):*
"A Huíla e os Mumuílas", 20', p/b, 16 mm, TPA;
"Lua da Seca Menor", 60', p/b, 16mm, TPA;
"Pedra Sozinha Não Sustém Panela", 40', p/b, 16
mm, TPA
"Hayndongo, O Valor de um Homem", 40', p/b, 16
mm, TPA;
"Makumukas", 30', p/b, 16 mm, TPA;
"O Kimbanda Kambia", 40', p/b, 16 mm, TPA;
"Kimbanda", 20', cor, 16 mm, TPA;
"Ekwenge", 20', p/b, 16 mm, TPA;
"Ondyelwa", 40', cor, 16 mm, TPA;
"Ofícios", 30', p/b, 16 mm, TPA;
Toda a série foi seleccionada para a *Semana dos*
Cahiers du Cinéma (1980), Paris e para o Fórum
do Jovem Cinema, Festival de Cinema de Berlim
(1981)
- 1982 *O Balanço do Tempo na Cena de Angola*, 45',
cor, 16 mm, IAC, prémio para a melhor média
metragem, Festival de Aveiro (1984)
Nelisita, 70', p/b, 16 mm, IAC,
prémio especial do júri, Festival de Cartago
(1983), prémio Cidade de Amiens (1983),

BIBLIOGRAFIA

prémio para a melhor realização e prémio da UNESCO, Festival de Ouagoudougou (1984), prémio para a melhor ficção, Festival de Aveiro, prémios para o melhor filme, melhor realização, melhor actor e melhor utilização criativa do som, Festival de Cinema de Harare (1990)

1989 *“Moia: o recado das ilhas”, 90’ cor*

